

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

LUCIANA CÂNDIDA DE MORAIS

**MENINOS DE RUA EM UBERLÂNDIA NOS
ANOS 90.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

1.547

S.9
(C)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ABRIL, 2002

1594

LUCIANA CÂNDIDA DE MORAIS

**MENINOS DE RUA EM UBERLÂNDIA
NOS ANOS 90.**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do Bacharelado em História junto ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Profª Drª Christina da Silva Roquette Lopreato.

Uberlândia, abril de 2002.

BANCA EXAMINADORA

A handwritten signature in blue ink, reading "Christina da Silva Roquette Lopreato", written over a horizontal line.

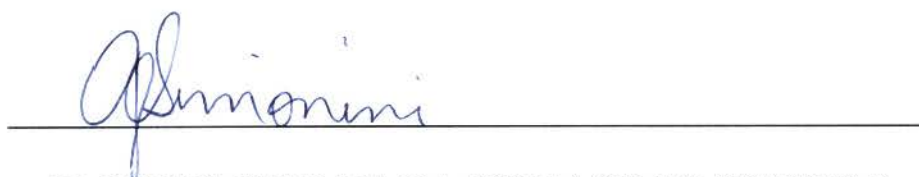
PROF^a DR^a CHRISTINA DA SILVA ROQUETTE LOPREATO

ORIENTADORA

A handwritten signature in blue ink, reading "Hermes Reis de Araújo", written over a horizontal line.

PROF DR HERMETES REIS DE ARAÚJO

EXAMINADOR

A handwritten signature in blue ink, reading "Gizelda da Costa Silva Simonini", written over a horizontal line.

PROF^a MS GIZELDA DA COSTA SILVA SIMONINI

EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a **Deus** e também a **minha família** por ter me apoiado em todos os momentos difíceis, por ter constantemente me estimulado com palavras de ânimo e força, o que foi fundamental para a conclusão deste trabalho.

Agradeço a **Profª Drª Christina da Silva Roquette Lopreato** pela orientação e paciência no acompanhamento deste trabalho.

Meu profundo agradecimento ao **Secretário da Coordenação dos Cursos de História, João Batista**, pela digitação dos textos.

São muitos os amigos que fiz no decorrer do curso, entre os quais não posso deixar de mencionar: **Márcia, Cássia e Elaine** são **amigas do coração**.

Agradeço também aos professores, **Hermetes Reis de Araujo e Gizelda da Costa Silva Simonini** pela disponibilidade em presidirem a mesa.

Por fim agradeço aos **meninos e meninas de rua** que muito contribuíram para que este trabalho e sobretudo se tornaram meus **amigos eternos**.

ÍNDICE

Introdução

I - Capítulo I - Da casa à rua	01
II - Capítulo II - A marginalização: uma forma de violência	33
III - Capítulo III - A violência policial no cotidiano dos meninos.	44
IV - Conclusão	50
V - Bibliografia	64
VI - Fontes	68

À procura de uma criança.

Andei por muitos lugares;

À procura de uma menino cidadão...

Fui às escolas, às suas casas, a um campinho de várzea qualquer;

Olhei quintas, calçadas, ruas sem asfalto;

Sempre em busca de crianças saudáveis e livres;

Com suas bonecas e carinhos de plástico;

Brincando de amarelinha e de esconder;

Pulando corda de elástico.

Infelizmente não encontrei esta criança;

E, sim, um vendedor de chiclete.

Sendo chamado de pivete...

Um engraxate, um lavrador de carros, uma prostituta;

Alguém que rouba para comer;

Que cheira cola para esquecer;

Que não tem direitos, nem deveres...

Que apanha por deixar feia a cidade;
E representa a injustiça da sociedade.

Entretanto, também encontrei pessoas

(E agora sou uma delas)

Que acreditam num futuro melhor para tais crianças;
E contribuem para sua cidadania, defendendo suas vidas...

Pessoas que procuram a transformação social;

De uma imensa comunidade,

Onde haja justiça e solidariedade.

Christiane Ribeiro Gonçalves

INTRODUÇÃO

Desde que ingressei na Universidade, no curso de História, no ano de 1996. O trajeto que eu tinha que percorrer implicava em passar por um dos pontos mais movimentados da cidade: o cruzamento das Avenidas João Naves de Ávila e Rondon Pacheco. E todos os dias, cedo ou tarde da noite, eu sempre observava meninos e meninas mendigando esmolas entre os carros. E ia observando aquelas crianças até as perder de vista. Por várias vezes, tive vontade de me aproximar e conhece-las melhor. Mas, foi no período de graduação, particularmente durante a iniciação da preparação para o projeto de Monografia I, que eu decidi desenvolver um estudo sobre meninos e meninas de rua, na cidade de Uberlândia, mais especificamente nos anos 90.

Ao longo da pesquisa, fui selecionando artigos da imprensa que divulgavam a questão. Para trabalhar com este tipo de fonte foi necessário um grande esforço, uma vez que as notícias envolvendo a questão de meninos e meninas de rua eram poucas, seja ser considerado um assunto minoritário, se tomarmos em consideração as notícias sobre outros acontecimentos, principalmente na área da polícia e do esporte, seja porque são notícias periféricas que não ocupam manchetes. São acontecimentos "pequenos" em termos de colunas e linhas.

Para suprir esta certa carência de informações da imprensa, foi necessário ir atrás de bibliografia específica. E várias leituras foram feitas, sobretudo a tese de Mestrado da Aparecida Darc de Souza, que desenvolveu a pesquisa " *Capitães do*

Asfalto: Infância e Adolescência Pobres na cidade de Uberlândia 1985-1995." A leitura do romance "*Capitães de Areia*", de Jorge Amado, marcou definitivamente o meu envolvimento com o estudo desse drama social: crianças e adolescentes subjugados pela desigualdade social, pela miséria e pela marginalidade.

O presente trabalho tem como problemática estudar o cotidiano de meninos e meninas de rua em Uberlândia nos anos 90. Identificar quais os motivos que levam estas crianças a irem viver nas ruas. E, uma vez nas ruas, como se dá a sua sobrevivência tendo que se adaptar a regras daqueles que já estão na rua há mais tempo. E, a partir destas regras, percebe-se que o universo da rua revela um mundo diferente daquele que a sociedade considera "normal" onde a violência, o preconceito, os maus tratos constituem a rotina entre meninos e meninas. A violência constante a que são submetidos, física, psíquica e emocional vai adquirindo, aos poucos, um sentido de "normalidade".

No entanto, o contato com os meninos e meninas nas ruas foi muito importante para que eu pudesse interpretar seu cotidiano. Sendo assim, busquei conhecer como vivem, convivendo com eles e entrevistando-os. E, neste sentido, faço minhas as palavras de Portelli, a respeito do significado do uso das fontes orais.

" Mas o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador... é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, uma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir. Fontes orais contam-nos não

apenas o que o povo fez mas o que o queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. (...) A primeira coisa que torna a história oral diferente portanto, é aquela que nos conta menos sobre os eventos que sobre significados".¹

Portanto, a entrevista para estes meninos e meninas passou a ser a oportunidade de desabafar, denunciar os momentos de sofrimento, violência e discriminação.

Para estar mostrando o cotidiano destes meninos e meninas de rua, dividi o presente trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, procurei identificar os motivos que levam estas crianças a irem para as ruas. Detectei na pobreza e na miséria das famílias aliadas ao uso e abuso do álcool e das drogas pelo pais e, ainda, a constante violência e maus tratos a que estão submetidas as crianças, estão aí os principais fatores que as impulsionam a fugirem dos lares violentos. As drogas também pode ser a causa de irem para as ruas e tomar gosto pela vida miserável das ruas, pois ali as drogas os vicia em um caminho difícil de voltar. E, através dos relatos, é possível perceber os motivos que levaram à passagem da casa à rua, e como se dá a sua vida nas ruas.

No segundo capítulo, busquei apresentar o preconceito e a marginalização como forma de violência indireta da sociedade que se mantém apática frente a questão.

¹ PORTELLI, Alessandro. "O que faz a história oral diferente". Projeto História Revista do Programa de Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1997, p .31.

No terceiro e último capítulo, dei ênfase à problemática da repressão policial no cotidiano dos meninos e meninas de rua, onde o primeiro contato com os órgãos repressores se dá com a polícia, que não se encontra preparada em recebê-los, em razão de múltiplos fatores, devendo-se, entretanto, notar que o principal deles reside na falta de pessoal humano especializado e de equipamentos. E, nestes aspectos, os meninos e meninas reaprendem a conviver com estes policiais "corruptos" que extorquem dinheiro das crianças para garantir a sobrevivência dos meninos e meninas nas ruas. E como não bastasse a exploração, estes meninos são submetidos à violência policial nas delegacias e recebem o mesmo tratamento dos adultos infratores.

Como a lei não permite a divulgação dos nomes, identifiquei-os meninos e meninas pelos seus apelidos e suas iniciais.

Estar em contato com o cotidiano destes pequenos, em muitos momentos me sentir partícipe das suas tragédias cotidianas, mas que é comum a estes meninos e meninas.

1º CAPÍTULO

DA CASA À RUA.

Iniciei minha pesquisa de campo em meados de janeiro de 2000. Durante vários dias, fiquei observando um grupo de 4 garotos na praça Tubal Vilela, centro da cidade. Na tentativa de ganhar a amizade e confiança deles, aos poucos fui me aproximando. Algumas dessas tentativas, sem qualquer retorno. Mas não desisto.

Aos poucos, eles se acostumaram com minha presença. Em uma manhã de sábado, por volta das 12 horas com o sol ardente, os meninos: J. N. J. de 12 anos, A. B. S. 12 anos, A. B. O. de 10 anos e R. S. de 10 anos, brincavam na piscina do chafariz da praça com alguns brinquedos que haviam comprado nas lojas de R\$ 1,99 com alguns trocados que conseguiram nas ruas. Eles estavam brincando ali naquela água parada e suja fedendo rede de esgoto, a grama ao redor com fezes e algumas roupas velhas. Um cenário de total desprezo do local público e onde diariamente meninos como estes e até mesmo adultos indigentes vão ali para tomar banho ou em busca de diversão, isto até que apareça algum policial e os expulsa dali. E foi o que aconteceu com aqueles meninos. Uma policial chegou e os fez sair dali, sem agressão talvez pelo fato de eu estar ali

observando, e ela deve ter reparado na bolsa que eu usava se referindo a Universidade Federal de Uberlândia.

Eles saem da água vestem suas roupas sujas e surradas e vão caminhando comigo e manipulando seus brinquedos. Um deles J. N. J. reafirma o nome deles, pois pensou que eu fosse do Conselho Tutelar e que levaria eles em um carro preto grande para o Juizado de Menores ou para suas casas. Pergunto a eles se haviam sido recolhidos alguma vez. Eles dizem que não, mas que têm medo, porque se eles levarem eles para suas casas, seus pais vão bater demais neles. E, por isto, que as vezes eles não vão pra casa.

Pergunto a eles se estudam.

Segundo J. N. J., este ano não teve vaga na escola do bairro onde moram. Seus pais disseram já que não iam estudar então que fossem trabalhar, por isto eles vêm para o centro da cidade ganhar dinheiro.

Sobre estes meninos fiquei sabendo que há poucas semanas estavam freqüentando as ruas. Seus pais moravam no bairro Dom Almir, periferia da cidade, e que somente o pai de um trabalha em uma empresa na construção civil como auxiliar de pedreiro e ganhava pouco mais que um salário mínimo. Mas ele e a mulher tinham problemas com alcoolismo.

As famílias dos outros 3 não tinham serviço certo, viviam de vender coisas nas ruas, mascateiros, de recolher material reciclável, papel, plástico, para vender.

Os pais raramente estavam em casa, os irmãos mais velhos acompanhavam os pais, enquanto que os menores, os 4 meninos acima, ficavam sem qualquer amparo de um adulto.

Alguns meses depois encontro novamente os 4 meninos já fumando cigarro pelas ruas e não retornando mais para dormir em casa. Pois todas noites que eles chegavam em casa, seus pais queriam saber do dinheiro que eles haviam ganho, e caso não tivesse dinheiro ou fosse em pouca quantia era surra na certa.

Foi então que eles foram, aos poucos, desistindo de ir para suas casas e fizeram amizades com outros meninos de rua e, aos poucos, trocaram os brinquedos de R\$ 1,99 por cigarros, drogas e álcool.

Quase não pude acreditar que aqueles meninos que eu ví brincando no chafariz da praça não tinham mais aquele sorriso inocente e um jeito de criança, quando só estava interessados no seu brinquedo e em se divertir. Via agora, em seus olhares sempre atentos a qualquer movimento das pessoas dos guardas, dos ônibus para pegarem rabeira ou entrar pela porta de trás sem pagar passagem. Continuavam pedindo dinheiro, mas não mais para comprar brinquedos e sim o cigarro e drogas.

Eram meninos que estavam deixando de ser crianças para se tornar meninos adultos na luta pela sobrevivência pelas ruas da cidade.

Outra história que muito me chamou a atenção foi a de "Quim" de 13 anos que ficava pedindo nos carros no sinal da avenida Getúlio Vargas, próximo ao

Supermercado Sirva-se. Ele se aproximou de mim demonstrando cansaço, pois o dia estava daqueles que o sol treme no asfalto, em seguida me pediu um passe de ônibus para ir para casa. Eu disse que não tinha, e realmente não tinha. Convidei-o para sentar um pouquinho ali no passeio na sombra daquela árvore e ele sentou. Perguntei-lhe onde morava. Ele disse que morava no bairro Esperança².

Um fato curioso que muito chamou minha atenção foi que aquele menino disse rapidamente que antes não morava lá. E, imediatamente, perguntei-lhe onde que ele morava. Ele disse com a voz orgulhosa, que morava no bairro Martins.

Perguntei-lhe, então, porque foi morar no Esperança. Ele parou, abaixou a cabeça, pensou um pouco e disse que quando seu pai trabalhava em um supermercado como remarcador de preços, e sua mãe de doméstica, dava para pagar o aluguel. Mas agora, com os produtos com código de barra, seu pai foi demitido e não conseguiu outro emprego, e as contas foram vencendo, e só com o salário da sua mãe não dava. Então, o dono da casa pediu que eles saíssem da casa, e eles tiveram que mudar para um barraco no bairro Esperança, e já faz 3 anos que eles moram lá.

Pergunto se hoje seu pai está trabalhando. Muito revoltado ele diz que o pai dele não presta, que vivia bebendo e batendo nele e em seus irmãos, hoje ele

² Este é um bairro sem infra-estrutura, situado na periferia da cidade, sendo originário de uma favela que tinha próximo ao Rio Uberabinha (rio que corta a cidade). Como lá foi se tornando área central, as pessoas que lá viviam foram "jogados" para bem longe dali e formou-se bairros como é o Esperança.

não mora com eles , foi para São Paulo. Questiono quando foi que ele veio para as ruas. Ele diz que lá onde ele mora tem muitos meninos que vêm para as ruas e ele também vem com eles e, de vez em quando vai em sua casa.

Um outro ponto que mais chamou-me a atenção foi o semáforo do cruzamento da Avenida João Naves de Ávila com Rondon Pacheco, próximo ao Center Shopping e Carrefour. Neste local, pude acompanhar diariamente o vai e vem de dezenas de meninos de rua, que ficam nas ruas pedindo no sinal, e outros tantos trabalhando, vendendo algo ou distribuindo panfletos de carro em carro.

Entre os meninos que ficam pedindo esmolas conheço "Jack" J. B. F. de 14 anos. Segundo ela, sua família morava no bairro Planalto, e quando ela tinha 11 anos começou a trabalhar em uma casa de babá, sempre diariamente após a escola, recebia R\$ 50,00 no final do mês. Mas a mulher a dispensou, pois faltava muito. Ficar em casa, ela não gostava pois quando seu pai bebia e usava drogas, ele batia muito nela, em sua mãe e em seus outros irmãos (6 irmãos) até no menorzinho de 2 anos. Atualmente seu pai construiu uma casa grande no bairro Morada Nova (periferia) ainda não acabou. Isto ela ficou sabendo quando uma viatura da polícia a pegou nas ruas e foi levá-la em casa.

Reparei bem seu entusiasmo ao falar da casa, que tinha vários quartos, tinha banheiro grande e era de laje. Mesmo estando só no tijolo sem telha e sem piso, aquela casa para ela era importante. Mas seu pai ficou muito bravo com

ela, por ter chegado em casa com os policiais e por ter levado uma bronca dos PMs. No outro dia, a noite, ela já estava no semáforo novamente.

Segundo Jack, um dia seu pai chegou "doidão" do serviço e começou a bater em sua mãe, pegou seu irmãozinho de 2 anos jogou pra cima e ele caiu no chão que ficou com o rosto roxo. Chamaram a polícia, seu pai foi preso mas no outro dia tinha sido solto. Ela diz que já tentou trazer seu irmãozinho para ficar com ela nas ruas mas ele não quis. E, através de amigos, ela começou a ficar nas ruas e não voltou mais para casa. Ela já esteve em uma casa espírita para recuperação de meninos de rua e usuários de drogas. Só que por ser um centro espírita todos ficavam sempre rezando e não podia fumar. Então, ela começou a ensinar coisas do cotidiano deles nas ruas para as meninas e não obedecia ninguém. Então, ela pediu para ir embora para sua casa, e como eles não a estavam suportando decidiram levá-la para casa, e ela voltou para as ruas no dia seguinte.

De volta às ruas, ela conheceu um rapaz e começou a namorar. Ficou grávida e seu namorado foi preso. Após 3 dias usando crack, sem comer nada, perdeu o bebê. E continua pedindo dinheiro nos carros e fumando crack até hoje. Além de pedir, ela também faz programas com quem quer que seja desde que lhe pague. Segundo ela, os caras só exigem que ela tome banho.

Outro caso interessante é de uma menina de 14 anos conhecida pelo apelido de "Nenen". Vinda de família com 5 irmãos, com pais separados, Nenen e seus irmãos foram praticamente criados pela avó. Sua mãe separou de seu pai

e casou novamente, mudando-se para São Paulo. Seu pai também se casou com outra mulher e mora aqui, mas eles nunca se deram bem com ele e muito menos com a mulher dele.

Seus 3 irmãos mais velhos conheceram as drogas através de amigos e acabaram influenciando Nenen que, na busca por mais drogas, foi conhecendo outros meninos, até que conheceu o Batatinha de 13 anos. Tornaram-se namorados, tomaram gosto cada vez mais pelas drogas e pela rua, foram em busca do insaciável dinheiro e, posteriormente, de drogas.

Nenen disse que sua mãe e seu padrasto já tentaram levá-la para São Paulo, mas ela não quis ficar lá, mesmo porque não queria deixar seu namorado. Ficou por lá um mês e voltou. E como sua avó já velhinha não tem força para buscá-la na rua, dificilmente ela vai em casa, no bairro Daniel Fonseca.

Batatinha, seu namorado de 13 anos e filho de pais separados, (o pai mora no bairro São Jorge IV) conheceu as drogas na escola e começou a vir para as ruas com colegas. Seu pai o reprimiu várias vezes. Foi pior, até que um dia ele não foi mais para casa. Só vai quando seu pai vem buscá-lo ele com a polícia, mas ele acaba fugindo de casa.

Quando conheci Nenen, no começo do ano (2001), ela estava grávida de 4 meses. O pai era o Batatinha, os dois sempre ali no semáforo pedindo nos carros para comprar drogas. Nenen já estava com a barriga um pouco grande com pés inchados de tanto andar o dia todo, mesmo assim não se intimidava em pegar rabeira no ônibus com outros meninos.

Passado alguns meses, Nenen começou a passar mal ali mesmo no semáforo. Uma mulher que passava por lá na hora chamou a ambulância, Nenen estava muito inchada e fraca. O resultado foi a perda do bebê. Ela diz que foi por causa das drogas, pois quando ela usava drogas ela não comia. E, na mesma semana que isto aconteceu, ela já estava novamente nas ruas, pedindo dinheiro e usando drogas.

A quantidade de meninos e meninas que faz deste ponto da cidade, o semáforo do Shopping, um meio de sobrevivência com facilidade de ganhar dinheiro para a compra de drogas, acaba sendo ponto de referência chamativo para meninos que passam o dia fora de casa. Ali se aproximam, fazem amizades e acabam não voltando mais para casa.

Os pais, algumas vezes até vão em busca dos filhos e os levam para casa, mas os meninos fogem devido a violência em casa ou justamente porque já tomaram gosto pela rua.

Nas minhas idas diárias a este semáforo, da Avenida João Naves de Ávila com Rondon Pacheco em um determinado dia, deparei com uma cena inusitada. Estava um começo de noite fria que prometia ser gelada de madrugada. Havia cerca de 15 meninos e 3 meninas naquele semáforo. Quando chego e me aproximo do local onde eles estão, com um caderno e uma caneta nas mãos, um menino e uma menina se aproximam de mim e perguntam o que eu estou fazendo ali, eu ainda não os tinha visto ali. Explico a eles que é uma pesquisa e converso com eles.

O menino de nome "Tutu" pareceu não estar sempre pelas ruas. Ele tinha 13 anos, estudou até 5ª série e sua mãe morava no bairro Daniel Fonseca com seu padrasto. Seus pais tinham se separado há poucos meses. Ele tinha dois irmãos mais novos que ele. Segundo ele, não estava dando mais para ficar em casa, pois seu padrasto batia muito nele. E, realmente, podia-se notar o sinal das pancadas pelo seu corpo.

Tutu estava de chamego com uma das meninas conhecida como "Macaca", de 16 anos. Esta já esteve em casas para recuperação, sua família sempre vai em busca dela pelas ruas, mas ela sempre volta para as ruas. Esta menina "Macaca", pude constatar ser mais a fim de um programa do que pedir nos carros.

Deixo Tutu e Macaca e sigo para o sinal onde havia 2 meninos aparentando pouco mais que 10 anos de idade. Fico ali um tempo no canteiro que divide uma rua da outra, no vai e vem de carros. Um deles me aborda e pergunta o que eu estava fazendo. Explico. Mas não convenço. Eles temem, que eu seja agente do SOS ou do Conselho Tutelar.

Passado um certo tempo um dos meninos vem bravo em minha direção dizendo:

" Oh! Tia! Ocê vai ficar ai, tá estrovando nós ganhar nosso dinheiro, Ô povo pensa que nós vai dar o dinheiro procê. Vai ficar do outro lado onde ocê tava."

Sem discutir, me retiro dali. A presença de uma outra pessoa adulta próximo deles e que não seja do grupo deles desviava a atenção que eles queriam só para eles, e mesmo porque poderia levar as pessoas nos carros a pensarem que eu poderia ser da família deles e estava vigiando para pegar o dinheiro deles.

Passado alguns minutos, W. veio falar comigo e disse que eu não ficasse no canteiro. Ele explicou que, durante o dia, muitos carroceiros que catam papel na rua trazem os filhos para pedir ali no semáforo, e eles ficam vigiando os meninos para eles não gastarem o dinheiro. E isto acaba atrapalhando, porque as pessoas vêm e não dão mais dinheiro para nenhum deles.

Muitas vezes, durante o tempo que eu os observa pude ver as meninas, em torno de umas 5, que freqüentavam o semáforo diariamente e que faziam parte do grupo de meninos daquele ponto, se oferecerem para fazerem programas e entrarem nos carros. Meninas ainda com rosto de crianças e já se prostituindo. As vezes, ganhavam alguns trocados. Outras até apanhavam.

Na maioria dos casos, o número de meninos nas ruas é maior do que de meninas. Estas, quase sempre, têm como destino uma casa de prostituição.

E como não bastasse a violência física, muitas crianças são iniciadas na exploração sexual ainda dentro de seus próprios lares, por parentes, pais e, na maioria das vezes, por padrastos. Esse tipo de violência causa nas crianças traumas irreparáveis, onde a fuga para as ruas pode ser a única saída encontrada por muitas crianças que sofre esse tipo de violência. Mesmo que nas ruas elas

continuem sendo exploradas, tendo que se prostituir para sobreviver. Como no caso de "Madrinha" como é conhecida pelos meninos dos sinal do Shopping.

Relatando sua história, como ela veio para as ruas, Madrinha conta que sua mãe sumiu quando ela tinha um ano de idade. Um dos tios a violentou quando ela fez oito anos, ela mostrou seu sangue no lençol à avó. Ela não acreditou. " Que sem-vergonha". Teria dito a avó. Madrinha fugiu para rua com amigas, mas retornou no dia seguinte assustada com a rua. Mas acabou saindo de casa de vez, as surras e a ameaça de seu tio eram piores.

Na rua, ela fez amizades com meninos de sua idade e passaram a fazer programas e morar na rua. Segundo ela, um dos programas melhores que ela já fez foi com um senhor de uns 70 anos aproximadamente, foi ela e uma amiga. O senhor deu a elas R\$ 50,00 e um prato de comida. Este foi o pagamento maior que elas já receberam, nesta vida de programas pois, na maioria das vezes, ganham apenas alguns trocados, isto quando além de ser exploradas sexualmente não acabam apanhando de seus clientes.

Um dia Madrinha reencontrou o pai, que passou nove anos preso. Ela tentou ir morar com ele, mas sua avó não aceitou e levou ela para sua casa novamente. E, mais uma vez, Madrinha fugiu. Casos como o de Madrinha, pude encontrar vários parecidos. Meninas que fugiram de seus lares devido a todo tipo de violência: física, psicológica e sexual.

E vivendo nas ruas, a exploração é maior pois acaba que a criança já é explorada pela família em casa, nas ruas ela é explorada por quem está na

rua, meninos de outros grupos, traficantes, malandros. Policiais, e sobretudo, pela sociedade que lhe paga alguns trocados e lhe espanca por alguns minutos de prazer tendo que se submeter a coisas absurdas.

" A prostituição na infância e principalmente na adolescência é vivida com muita ambivalência, misturando-se sentimentos de prazer e repulsa. Prazer pela própria vivência sexual e repulsa porque, enquanto negócio, a relação com o parceiro, não é objeto de escolha e implica o submetimento à toda sorte de exigências advindas do parceiro ...

*Encontra, portanto, um campo vulnerável com conseqüências, extremamente danosas tanto física quanto psicologicamente.*³

Nestes termos, a separação casa e rua, entre o que é público e privado sofre uma reversão de valores. A rua passa a ser, para estes meninos e meninas, o lugar de permanência e não simplesmente de passagem, conforme diz a lógica da sociedade moderna. Sendo que a casa, o lugar da individualidade, da segurança e da proteção, torna-se, em muitos casos, o lugar de risco e da violência.

³ NUCEPEC-UFU (Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a crianças). **Infância e Adolescência em discussão**, Fortaleza, 1994. P. 110.

Os meninos estão nos lugares mais movimentados da cidade, pedindo dinheiro, vigiando carros, vendendo alguma coisa, distribuindo panfletos, ajudando a família ou apenas se mantendo.

Provenientes, na maioria dos casos, de bairros bem afastados do centro da cidade, muitas dessas crianças vêm de manhã, ou até mesmo os pais trazem e ficam vigiando, e só voltam a noite. Até que um dia, eles não voltam para casa nem para dormir, ficam dia e noite nas ruas.

Há casos de meninos que vêm de outras cidades, na esperança de vida melhor, ou fugindo de órgãos repressores. Como o caso de Galego, de 18 anos, que fica no grupo dos meninos do semáforo do Shopping. Ele saiu de São Paulo porque lá já havia se metido em broncas com os policiais e já esteve na FEBEM uma vez, e estavam querendo prendê-lo novamente. Neste intervalo, sua mãe havia se mudado para o norte de Minas, então como ele não podia ficar em São Paulo, decidiu ir atrás de sua mãe.

Chegando em Pirapora, Galego encontra com o R. de 12 anos conhecido como "mosquito". Eles ficam amigos e resolvem vir para Uberlândia em busca de vida melhor.

Mosquito já apareceu até no programa do Gugu, sua família procurando por ele como desaparecido. Ele viu, mas não deu atenção. Fato parecido foi ressaltado pela Irene Rizzini:

"Alegando as mais diversas razões, tais como a distância de casa, algum tipo de abuso do qual é vítima em casa, ou falta de comida, essas crianças

*preferem ficar nas ruas durante as vinte e quatro horas... Expostas à " cultura da rua", muitas delas adotam padrões de vida que as levam a abandonar suas famílias e a tornarem-se "meninos de rua" ... a criança verdadeiramente de rua perdeu o contato com a família. Elas moram nas ruas o tempo todo e não visitam seus velhos lares. Algumas não tem a menor idéia de onde está sua família e outras foram abandonadas ou ficaram órfãs. A maioria é fugitiva."*⁴

As ruas passam a ser um espaço de liberdade onde podem fazer o que bem quiserem. Nas ruas, os meninos nunca têm horário para voltar para casa, ouvir sua mãe dizendo para irem tomar banho, ou ir para escola. Eles podem ter coisas que em suas casas a família não tenha condições de oferecer, como mostra Aparecida Darc de Souza:

" A passagem da casa para rua é um processo complexo, que envolve também as expectativas desses menores. E, neste sentido, a decisão de não voltar para casa e de ficar na rua é também uma reação à miséria, às práticas de dominação e tutela tão presentes na família, nas escolas e nas instituições de reclusão. A rua tornou-se o campo das possibilidades, de conseguir o que em casa e no bairro periférico ele não poderiam conseguir. Nas ruas, por meio do furto, da mendicância, da vigilância dos carros, eles poderiam conseguir o sorvete, a pizza, o tênis, as calças, enfim, a rua proporciona a chance de se conseguir a realização de muitos de seus desejos. A rua é, dessa forma, um

⁴ RIZZINI, Irene (org). **A Criança no Brasil Hoje**. Rio de Janeiro: Editora Universitária, Santa Úrsula, 1993. P. 164.

*espaço contraditório, pois tornou-se, ao mesmo tempo, símbolo de liberdade e prazer e de miséria e violência.*⁵

Durante a pesquisa de campo, no contato com os meninos de rua, não foram poucos as histórias parecidas como a de "Quim". Uma família que tinha uma vida praticamente tranqüila. Mas que, a partir do momento que o desemprego bate na porta, as bases da família quebram. O barraco na periferia passa a ser sua sua atual casa . Mas, esta é só mais uma família que chega para se juntar às milhares e compartilhar da miséria e do preconceito da imagem negativa dos moradores destes locais, considerados antros de marginais e de bandidos. O preconceito, nestes locais, é generalizado.

Não há como esquecer, afinal de contas, que a maioria de meninos que vive nas ruas são agressores das classes sociais mais baixas e, portanto, de bairros distantes do centro urbano. Ou melhor dizendo, que suas histórias têm na pobreza quase sempre um ponto comum, e devida suas carências em todos sentidos, a violência é a rotina diária.

A criança, em muitos casos, se torna o "saco de pancadas" de pais que já não tem qualquer perspectiva com o futuro. Nas falas dos meninos e meninas de rua pude notar que a violência em casa por parte dos familiares, sempre envolvidos com alcoolismo e drogas, tem como consequência a busca por muitas crianças de outras alternativas de vida nas ruas.

" Há pais que são excessivamente rigorosos com seus filhos e criam lares como uma verdadeira ditadura familiar misturando com alcoolismo. Para eles o exercício do poder no âmbito doméstico realiza-se a custas de castigos imoderados, de maus trato, os quais contribuem para desviar

⁵ SOUZA, Aparecida Darc. **Capitães do Asfalto: Infância Pobre na Cidade de Uberlândia 1985 - 1995**, Tese de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - 1998. P. 115.

*o processo de socialização da criança, gerando nela ódio, revolta, agressividade e afastamento da família."*⁶

De início, as surras são no sentido de "correção", mas a partir do momento que a criança começa a praticar determinadas atitudes, como não querer estudar, se reunir constantemente com colegas e ficar horas nas ruas, as surras se tornam mais violentas e punitivas, e ao invés de ir para escola, eles são obrigados a irem trabalhar.

" Meu pai me tirou da escola de vez, porque eu tinha sido expulso duas vezes. Aí ele arrumou um serviço pra mim, de vender rodo na rua, eu ficava o dia inteiro, porque se eu fosse pra casa cedo ele me batia muito. Teve um dia que ele quebrou um dedo meu, eu nem fui na medicina, eu prefiro ficar aqui com os meus irmãozinhos, porque em casa não dá." (M. de 14 anos).

As surras se tornam freqüentes quando o alcoolismo é presente nos pais e, neste caso, a surra é sem motivo algum.

"Teve um dia que foi feio! Meu pai tinha bebido e chegou em casa onde estava minhas três irmãs, uma tinha ido buscar água na vizinha com uma lata quando ela tava vindo embora, escorregou e levou um tombo, até machucou o joelho, meu pai ainda bateu nela."(J. 13 anos) .

Dramas como estes são comuns a estes meninos de rua que, mesmo em tendo casa e família na cidade, a convivência não é mais possível devido às constantes agressões que sofrem, e a rua passa a ser a válvula de escape daquela situação conflituosa dentro de casa.

A punição corporal deixa nessas crianças sentimentos de angústia, raiva, ansiedade, medo, terror, ódio, hostilidades, etc... E, uma vez impelidos para a

⁶ LEAL, César Barros. A delinquência Juvenil: seus fatores exógenos e prevenção. Rio de Janeiro: Aide 1983. P. 107.

rua, convivendo com as situações mais absurdas, sua própria personalidade se altera.

" A violência física traz consigo a chamada " morte da alma ", na medida em que a criança não possa encontrar ninguém que a proteja." ⁷

No entanto, podemos perceber que esses meninos vivem um processo de empobrecimento cada vez maior e marcado constantemente pela violência em seus lares.

Na maioria dos casos, a violência é tamanha e todos os dias a criança é submetida a espancamentos deixando marcas em seu corpo com cicatrizes horríveis. As marcas são visíveis em suas pernas, braços e até na cabeça como no caso do "loirinho", menino de 13 anos que está sempre no semáforo do Shopping. Há cerca de dois anos, ele veio definitivamente para as ruas, pois as surras que vinha levando diariamente de seu pai que chegava alcoolizado em casa, ia só piorando, até que um dia seu pai o surrou com uma tábua e provocou um corte profundo em sua cabeça foram necessários quinze pontos para fechar a ferida. Ele diz ainda muito revoltado, que a partir desse acidente, não quis mais viver com sua família. No início, ele ia dormir em casa, mas na medida que ele foi se enturmando e ganhando a amizade dos meninos que já viviam nas ruas, ele passou a ficar nas ruas dia e noite, e confessa não estar arrependido. Pelo contrário, para ele a vida nas ruas é menos amarga do que quando vivia em casa com sua família. Segundo "Loirinho", ele se arrepende somente de não ter ainda trazido seus dois irmãos mais novos do que ele, pois eles apanham até hoje de seu pai, às vezes até sua mãe leva murros ao tentar acudir seus irmãos. Mas "loirinho" afirma com segurança que irá tirar seus irmãos de casa.

Quando a violência atinge outras pessoas na família como irmãos, principalmente se forem de idade pequena, a revolta por parte do irmão mais velho é maior, e a constante preocupação com eles é uma tormenta em suas

⁷ GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisada**. São Paulo: Cortez. 1998, p. 47.

vidas, pelo fato de serem mais velhos e terem sofrido agressões diversas de seus pais. De certa forma, o mais velho tenta protegê-los mesmo que a alternativa seja trazê-los para junto deles nas ruas, longe do ambiente familiar, longe do local da agressão, cujo ambiente se torna traumático. Portanto, eles se sentem "protegidos" nas ruas, soltos, à dificuldade de seus pais os espancarem praticamente não existe, uma vez que a fuga é garantida, sendo que eles não estão mais entre quatro paredes em um beco sem saída, como era em suas casas.

Mesmo não possuindo nada, além da liberdade de correr pelas ruas, levando uma vida nem sempre fácil, arranjando o que comer, o que vestir, ora carregando compra nos supermercados, ora furtando carteira e, por vezes, pedindo esmolas, mesmo assim eles jamais querem voltar para junto do seu pai, padrasto ou madrasta, seu agressores.

Na maioria dos casos, a violência em casa (ou violência doméstica, como refere alguns autores e a imprensa em geral⁸) é tamanha e constante, que quando estes meninos passam a viver pelas ruas, como forma de fugir das agressões em casa, nada mais para eles é absurdo. Para eles, a submissão à violência tornou-se um ato diário de suas vida desde criancinhas, ou talvez até antes de nascerem, uma vez que é comum no relato de muitos meninos de não só eles ser submetidos a violência diária, mas suas mães também.

Pelo fato de o agressor ser em maior escala a figura do pai ou padrasto, a mãe é sempre lembrada com saudade e eles manifestam a vontade de rever, principalmente os meninos vindos de outras cidades. Eles sonham um dia reencontrar seus irmãos e sua mãe mas, a cada dia que passa, essa possibilidade fica mais remota, suas vidas miseráveis os viciam nas ruas sem qualquer perspectiva do amanhã e as drogas se tornam remédio necessário para uma dor sem fim.

Além desses meninos abandonarem a família por causa de violência e maus tratos, pode ocorrer ainda que, pressionados por dificuldades econômicas e

⁸ Idem.

emocionais da família, decidam sair de casa em busca de melhores condições de vida com o objetivo de retornar com suprimentos para o grupo familiar. Podem, ainda deixar a família com o objetivo de se desvencilhar das dificuldades. Saem geralmente com uma visão bastante idealizada de encontrar a solução para as dificuldades. Vão em busca de aventuras, ganhar dinheiro, conhecer o mundo. Pode ocorrer, também, a opção por um outro modo de vida que não seja voltar para a família, pois as circunstâncias que eles encontram significam muitas vezes a entrada no mundo da marginalidade, uma ida curta quando a morte pode acontecer a qualquer momento, ou longa guiada pelos vícios e vínculos em práticas infracionais. Todos esses menores, enveredados num caminho por onde se desviam continuamente dos padrões "normais" que regem a sociedade, dificilmente encontrarão, a tempo, uma luz no fim do túnel.

Voltando ao tema da violência de pais contra crianças, pude acompanhar algumas matérias diárias de jornais e revistas referente ao tema que, para mim, foi de grande ajuda na pesquisa. E, mais uma vez, a questão da violência relacionada a pobreza foi manchete.

" E senso comum de que a violência e a pobreza andam juntas e são fruto da falta de políticas social, educacional, de saúde e de proteção a criança. No entanto a violência que vitimiza crianças e adolescentes das classes baixas, é invisível, cujas estatísticas são precárias. Mas no geral, as crianças por serem indefesas, são as maiores vítimas da pobreza e de todos os tipos de violência e acabam se tornando "saco de pancadas de pais e familiares" agredidos pelas dificuldades da vida - como desemprego, falta de dinheiro, falta de acesso à educação e à saúde. E, quando elas viram números crescentes nas estatísticas de maus tratos físicos e abusos sexuais, a situação é ainda mais grave. De acordo com estatísticas, 70% dos casos envolvendo violência

*contra criança e adolescentes tem origem no próprio lar e o restante nas ruas. Uma realidade cruel é vivenciada diariamente pelos conselheiros do Conselho Tutelar e um deles é Antônio Lopes ... Ele observa que a maioria dos 250 casos que o conselho recebe (entre 65% e 70%) é de violência física."*⁹

Adriana Couto Ladeira da Delegacia de Mulheres, em entrevista ao jornal *Correio de Uberlândia*, chama a atenção para a questão da violência e os problemas futuros que podem acarretar a criança.

*" Estamos vendo uma quantidade grande de crianças mal amadas e crescendo em ambiente agressivo que, mais tarde, irão demandar políticas para a sua recuperação, o que custa caro. Essa criança, que vira um adulto problemático, terá que ser ajudada ao invés de contribuir para melhorar as condições da sociedade e da humanidade, como se espera de todo ser humano."*¹⁰

Apesar dos altos índices de violência contra crianças e adolescentes registrados em Uberlândia, a falta de programas e de pessoas aptas para acompanharem essas crianças, os casos que chegam a ser denunciados ficam sem solução, como mostra Antônio das Graças Lopes, presidente do Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente.

... " a cidade, que tem mais de 500 mil habitantes, conta com apenas cinco conselheiros tutelares para dar andamento em todos os casos. O mais grave ainda é que eles não contam com a estrutura necessária para levar às famílias envolvidas nos mais variados tipos de violência contra menores a orientação adequada... O Conselho Tutelar registra, em média, 220 denúncias de danos físicos e psicológicos contra crianças.

⁹ " Crianças são as maiores vítimas da violência." Jornal Correio de Uberlândia, 16 de dezembro de 2001. "
Crianças são as maiores vítimas da violência."

¹⁰ Idem.

*... uma das importantes ações do Conselho que é encaminhar as famílias para um programa de orientação familiar, não é feita porque esse programa não existe. Provisoriamente, os próprios conselheiros prestam orientação aos familiares de menores vítimas de agressão... O papel do Conselho Tutelar..., em relação à violência doméstica, é, entre outras providências, apurar as denúncias, notificar os agressores e verificar o grau de periculosidade da permanência da vítima junto ao agressor. Em caso de violência física, a criança passa por exame de corpo de delito e o caso é registrado em Boletim de Ocorrência (BO). Quando o caso é muito grave, retiramos a criança do convívio com o agressor e a levamos para um abrigo até que o caso seja apurado. Na cidade, existem quatro abrigos que recebem crianças de zero a 12 anos de idade. Um deles é mantido pelo Município e os outros três são subvencionados ... não existe abrigo para meninos acima de 12 anos."*¹¹

A precariedade de um dos principais órgãos de defesa da Criança e do Adolescente como este acima chega a ser uma vergonha e um desrespeito com a criança que vai em busca de socorro ou de fuga da violência em casa. No entanto, pode não encontrar esta ajuda e muito menos um lugar para ficar. A solução encontrada para muitas crianças pode ser ir para as ruas.

No mundo livre das ruas, os meninos acabam criando suas próprias regras em seu grupo para garantir a sobrevivência. Como por exemplo: quando um "irmãozinho" (maneira de se referirem a outro menino do grupo) se encontra doente, sempre outro menino procura ampará-lo, mesmo que o remédio seja dar uma droga para aliviar o sofrimento. A troca de favores é seguida como regra

¹¹ "Índice de violência contra menores é alto." Jornal Correio de Uberlândia, 30 de agosto 2001.

entre eles. A divisão de cigarros, drogas e comida ocorre "na boa" entre eles do mesmo grupo.

Cada grupo tem um determinado ponto onde eles se concentram diariamente para conseguir seus trocados. A não ser que algum deles apronte "alguma bronca", e os policiais fiquem de "marcação" com eles, aí eles têm que mudar de ponto por uns dias.

As regras são claras e obedecidas à risca. São regras criadas por eles mesmos, conscientemente, e que são fundamentais para sua sobrevivência nas ruas. Como muito bem constatou Isabel Frontana:

" Vivendo num meio incerto e hostil, no qual prevalecem regras rígidas de convívio, marcadas geralmente pelo recurso à violência e à utilização da força, era essencial desenvolver determinados atributos e valores para não sucumbir às "armadilhas" da rua. Era comum, dada essa realidade, que as crianças de rua apresentassem um enorme senso de oportunidade, de pragmatismo e de flexibilidade para enfrentar os problemas cotidianos, o que as capacitava a agir com muita criatividade e desenvoltura na elaboração de múltiplas estratégias de sobrevivência." ¹²

As regras para meninos que ficam no semáforo do Shopping giram em torno de não cair nas mãos dos policiais, na garantia de permanência no grupo e no livre acesso a boca-de-fumo, (ponto de venda das drogas). Eles ficam no

¹² FRONTANA, Isabel C. R. Cunha. **Crianças e Adolescentes nas Ruas de São Paulo**. São Paulo: Loyola, 1999, pp. 124-125.

semáforo pedindo em torno de 15 a 20 minutos, reúnem as moedas e um só menino vai na boca comprar a droga, muito utilizado entre eles.

Geralmente tem o " Cafetão", que dá a primeira amostra da droga e os vicia. A partir daí, eles passam o tempo todo pensando em ganhar mais e mais dinheiro para poder obter a droga.

Eles vão dormir já de madrugada, e dormem até mais tarde, depois levantam e vão procurar um cigarro e algo para comer. Já tem os lugares acostumados onde as pessoas dão comida à eles. A tarde eles vão em busca das moedas para adquirir drogas. E ficam no vai e vem na rabeira dos ônibus entre o semáforo e a "boca" até de madrugada.

Cada menino tem sua maneira de abordar as pessoas nos carros, com as mãos nas costas, segurando a camisa, com as mãos na cabeça, etc. São coisas criadas por eles que garante com que as pessoas se comovam e lhes dêem dinheiro.

A vestimenta raramente muda, pois estando sujo o bastante é interessante. De vez em quando tomam banho no banheiro da Igreja Assembléia de Deus. Isto é, quando o vigia não corre com eles.

Quando eles ganham algum alimento, um objeto, ou roupa no sinal, eles procuram logo se desfazer vendendo ou dando para alguém, pois não é bom eles pedirem com alguma coisa nas mãos.

A relação entre eles segue a norma de cada grupo, desde que um não entregue o outro para polícia, ou dê um "banho" em outro (reunir o dinheiro e ir

comprar a droga e não voltar). Quando acontece isto, tem que dar um tempo em outro lugar e não aparecer entre eles até que as coisas se acalmem. Caso apareça antes, é briga na certa. Esconder algo que furtou do resto do grupo é considerado um crime entre eles.

Uma característica dessas crianças, é que, muitas vezes por viverem nas ruas, amadurecem cedo, deixando de viver como crianças, de terem uma infância, e acabam formando uma nova entidade familiar de rua. E, com aquele grupo, eles passam a se sentir em segurança e só confiam em seus colegas de grupo, pois ali eles têm suas próprias leis. Uma vez sem ninguém que os oriente, essas crianças "maduras" adquirem uma crescente revolta em relação à sua família e pelas autoridades que estão sempre lhes atormentando, evidenciando assim um ódio no qual o medo não se faz presente e qualquer atitude que tente fazer mudar sua realidade não os atinge.

Afastados do ambiente escolar, de escolaridade zero, ou insuficiente, impelidos à rua pela miséria, impossibilitados de usufruírem uma infância ou adolescência despreocupada e sadia, entram os menores a conviver com jovens, que foram buscar nas ruas um outro horizonte, diferentemente de seus lares, e formam ali seus novos laços afetivos. Encontram na "tia ou no tio" dos restaurantes que sempre lhes dão comida, a mãe e o pai, um irmão no colega que sempre está pronto a ajudar a sair dos apuros, a solidariedade em dividir o cobertor em noites frias deitados pelas calçadas, nas ruas, a cumplicidade e o apoio em alguma ação, a atenção dos colegas em relatar certo acontecimento.

Coisas que para eles passam a ser de grande importância e que, talvez, não tenham em casa. Como nos mostra a cena do filme Pixote " A lei do mais fraco: No final do filme, o menino de apelido "Pixote" de uns 12 anos, depois de ter enveredado no mundo das drogas e do crime, e após ter se assassinado seu colega, vai para o colo de uma prostituta como um bebê no colo da mãe.

Um dos problemas graves que estimula as crianças estarem nas ruas é a falta de comida em casa. Em Uberlândia, pesquisas revelam que a pobreza é preocupante, sobretudo de crianças e adolescentes:

" Em uma pesquisa encomendada da Prefeitura Municipal de Uberlândia à Universidade Federal de Uberlândia, se fez o " Censo da Pobreza" na cidade em 2001. Foi constatado que, dentro do quadro de 216 mil pobres, 39,8% das famílias são pobres e 8% vivem em estado de indigência. Desse número de pessoas pobres, a pesquisa revelou que cerca de 32% são crianças e adolescentes, entre 0 e 14 anos." ¹³

A revista *Veja*, em edição especial, abordou o caso a nível nacional:

*Com seus 23 milhões de miseráveis o Brasil representa 3% do problema mundial. Pode parecer pouco, mas é uma inserção global três vezes maior do que nossa participação, por exemplo, no comércio mundial, em que o Brasil aparece com menos de 1% do movimento de compra e venda de mercadorias."*¹⁴

¹³ "O censo da pobreza em Uberlândia.." Jornal Correio, 05 de dezembro de 2001.

¹⁴ " O paradoxo da Miséria. ". Revista Veja, 23 de janeiro 2002, ano 35, nº03.

A falta de carinho e a violência são características marcantes. Mas a fome leva as pessoas a praticarem atos impensáveis e pode levar, na maioria dos casos, as crianças a irem para as ruas como saída para o problema.

" Nas famílias marcadas pela fome e miséria, a casa representa um espaço de privação, de esgotamento dos laços de solidariedade, de vazio e instabilidade. A casa deixa de ser um espaço onde a criança encontra abrigo, cuidado, orientação, ocasiões de sociabilidade e tempo livre, para tornar-se espaço de conflito, risco e solidão e servidão, onde, aos invés de lhe ser dada a infância lhe é tolhida. O desespero e a violência freqüentemente fazem parte do cotidiano destas famílias.¹⁵

Há casos de meninos nas ruas em que a convivência familiar pode ser considerada boa, sem violência, miséria, sem falta de afeto. Mas, estas famílias têm problemas com jovens nas ruas. Entra aí o fator drogas. Pude acompanhar jovens que tinham a estrutura familiar bem resolvida e, no entanto, estavam nas ruas.

Conversando com eles e seus colegas pude constatar que a vinda para as ruas está relacionada à ânsia de conseguirem mais drogas e usar sem maior repressão de seus familiares. O uso pela primeira vez ocorre na escola, ou na esquina, ou em alguma festa com os coleguinhas, e daí está aberta a porta para uma ida muitas vezes sem volta.

¹⁵ NUCEPEC - UFU. Op. cit., p.127.

Uma droga muito usada entre os meninos é o crack, pelo fato de ser barata e encontrado em qualquer bairro. Pode se comprar uma "pedrinha" por até R\$ 5,00. É a mais usada pelos meninos que ficam no semáforo do Shopping. Quando um dos meninos não tem os R\$ 5,00 completos eles juntam entre si as moedinhas buscam a droga e dividem. O vício é tamanho que eles não tem paciência de esperarem juntar o dinheiro para cada um comprar sua própria pedra. O relato de uso de drogas por mais de um ano é comum entre eles.

" Fumo desde 1990. Estou na rua há quatro anos, vegetando. Minha desgraça são essas malditas e maravilhosas pedrinhas. Elas me dão paz. Vejo o preto mais preto, o branco mais branco. Tudo fica mais claro, eu entendo melhor. É ruim Ter de conviver com esse pessoalzinho. Eles medem a vida pelo tamanho da pedra. Meu problema é que, quando mais eu vou, mais eu quero. Já fumei cinco dias seguidos. Dormi em pé. Caí de sono. Minha nóia é a próxima pedra". (Duda, 18 anos.)

Nóia vem de paranóia. Nela sucedem-se alguns minutos de alucinações (segundo eles vêm calçadas cheias de pedras, policiais entrando pela janela, baratas andando debaixo da pele) e a depressão provocada pela falta de dopamina nos circuitos químicos do cérebro. Ou a pessoa espera algumas horas e o sistema nervoso se reequilibra, ou queima outra pedra e estimula uma nova descarga e, de novo, as alucinações. Minutos depois, ela se apaga. E vem outra pedra, nova nóia. E por fim o cérebro já não tem mais dopamina.¹⁶

¹⁶ RONNEL, Avital, autora do livro "Crack Wars", audacioso estudo sobre dependência psicológica. *Folha de São Paulo* 4 de março de 1997.

O craqueiro (pessoa que faz as pedras de crack) usa a cocaína num estado diverso, misturada a uma substância alcalóide num coquetel que, uma vez aquecido, endurece. As de má qualidades, segundo os meninos, se usa solução de bateria de carro, mas quem é viciado, como eles, conhecem bem.

" O crack desaponta a noção de prazer que se espera de uma droga. Ele é um estado puro da necessidade de ficar drogado, só tem a ver com a necessidade de fumá-lo." (E. de 19 anos. Dez anos viciado, e hoje é distribuidor (atravessador) entre os meninos do semáforo do Shopping.)

" Pega um isqueiro, aquece a pedra e respira fundo. Em menos de quinze segundos a cocaína chega ao seu cérebro e provoca uma forte pressão, tuiiiinnnnnnmm. É a luz, o relâmpago, o estalo. Seus olhos vidram, desliga-se. Coisa de um segundo. Como se um comando externo ligasse ao mesmo tempo todas as conexões elétricas de um arranha-céu, da torradeira aos elevadores, a droga ordena a liberação de dopamina, o mais poderoso excitante do organismo. Num edifício, tamanha sobrecarga queima os fusíveis e desliga o sistema. No cérebro as células protegem-se capturando de volta o excesso de dopamina, mas no de pessoas viciadas, a droga desligou essa válvula. Cada tragada é um novo estímulo, mas "tuim" só na primeira. São dez minutos de êxtase."¹⁷

A aquisição de droga para os meninos que ficam nas ruas é fácil, pelo fato de não levantar suspeitas dos policiais. Por isto, muitas bocas-de-fumo usam

¹⁷ " Como as drogas alucinam ". Jornal Folha de São Paulo, 04 de março de 1997.

estes meninos como vendedores de drogas. E não foram poucas às vezes que eu acompanhei muitas pessoas abordarem estes meninos e comprarem drogas, ou pedir para eles irem até a boca-de-fumo. Ali, no semáforo do Shopping, eles têm muitos fregueses de "carrões".

"Aqui existe droga como em todos os outros lugares, e cada vez vai alimentando, a polícia nunca pega tudo " se ocê quise é só falá comigo." (E. D., 17 anos.)

Quando não tem o dinheiro para comprar a droga, em certas bocas-de-fumo aceita-se até mercadoria na compra.

" Algumas bocas aceitam mercadorias e um bujão de gás já vali cinco pedras." (A. E., 13 anos.)

O crack substitui a cocaína nas classes pobres em uma velocidade tamanha que tornou-se incalculável. É uma droga que caiu como uma luva para afastar ansiedades de um miserável desempregado e dos meninos de rua, e custa tanto quanto o vício de um milionário em cocaína.

" As vendas de drogas movimentam anualmente a astronômica cifra de 150 bilhões de dólares em todo o mundo - praticamente a metade do que gera a indústria farmacêutica. De 1987 a 1997, quadruplicou o número de estudantes do ensino médio e fundamental que experimentaram pelo menos uma vez na vida e cresceu quase três vezes a quantidade dos que provaram maconha."¹⁸

¹⁸ "Ascensão das drogas". Veja, 9 janeiro 2002, ano 35, nº 1.

O uso da maconha entre os meninos de rua é tão normal que para eles é como se fosse um cigarro. Quando não têm o dinheiro para comprar o crack, sempre aparece um trazendo um fumo, e eles fazem o cigarro com qualquer papel que acham nas ruas e fumam todos o mesmo cigarro. O cigarro passa de boca em boca. Oferecem a todos seus colegas ali na "rodinha" (quando todos se reúnem para fumar a droga). Durante o período da pesquisa, quantas foram as vezes que me ofereçam,. Eu sempre recusava e eles não insistiam, ou melhor, tinham plena consciência do mal que as drogas poderiam causar, e aconselhavam-me a nunca experimentar.

" A gente não pode ficar só pensando de ficá usando droga, porque a gente também tem que reagi nossa vida, se a agente não for reagi nossa vida, quem é que vai. E a senhora tia que tá certa de não usá droga, porque se a senhora experimentar nunca mais vai parar, vai querer sempre mais e mais ..."
(M. F., 16 anos.)

A aparência destes meninos é tão degradante que choca os olhos de quem os olha. Com os olhos fundo e nariz sempre escorrendo, sustentados por um corpo que poderia chamar de "esqueleto", pois o que os mantém em pé são ossos e pele. Suas roupas imundas dançam um balé em seus corpos nutridos por drogas e bebidas alcoólicas, que já não fazem efeito imediato em seus cérebros, devido a um costume de seus organismos ao uso contínuo das drogas.

Crianças que aparentam idades inferiores a 10 ou 12 anos de idade. E, na realidade, são jovens de 16, 18 anos ou até mais que isto.

Um rosto em que os olhos denunciavam o uso das drogas, mas que a sociedade, na sua santa ignorância, prefere achar que o dinheiro dado é para comprar alguma coisa de comer, enquanto que, na verdade, todos sabem para onde vai o dinheiro.

Há casos em que de madrugada, ao estarem pedindo no semáforo, eles acham até quem dê a eles a droga.

" Teve uma madrugada que eu taba fazendo o corre¹⁹ e um homem me deu uma bagaça²⁰ na maior. Ele disse: Toma aí sua pedra e vai dormir." (Galego, 18 anos.)

O vício pelas malditas pedras leva os viciados a praticar roubo e até assassinatos bárbaros para conseguirem recursos e comprarem a droga.

" ... o aposentado Miguel José Vieira, 76 anos, foi morto com pelo menos 15 facadas, uma delas no pescoço e as outras espalhadas por várias partes do corpo. A arma uma faca tipo peixeira, de 20 centímetros de comprimento foi achada. Os assassinos, um adulto e um menor, suspeitos de serem viciados em crack."²⁰

" Quem eu conheço vende a mãe" (Duda, 18 anos.)

Duda é viciado em crack há 4 anos e já esteve em diversas instituições para recuperação. Sua última estadia foi na Colônia Penal Jacy por tráfico de drogas. Segundo ele, sua família não o aceita em casa por causa das drogas. Por isto, fica pelas ruas.

¹⁹ Corre - Nome dado pelos meninos ao estarem "pedindo no sinal", "estão fazendo o corre."

²⁰ Bagaça - Pedra de crack, gíria popular aos usuários de droga.

Duda é hoje um rapaz de 18 anos, que tem um corpo de criança. Quando ele tinha 14 anos, um dia que ele não tinha dinheiro para comprar a droga, um colega apareceu com uma lata de thiner e eles começaram a cheirar. De repente, eles escorregaram, o thiner caiu em seu corpo e alguém com um cigarro aceso acabou provocando um terrível acidente. Duda ficou em coma no hospital e quase perdeu os movimentos de suas pernas. Hoje ele tem sinais em todo o corpo e anda com muita dificuldade. Mas, não largou de usar drogas.

" Eu não tenho conserto não tia". (Duda.)

Um fato interessante que pude constatar é que praticamente todos já estiveram internados em instituições para desintoxicação, como " A casa do Caminho" localizada no bairro Canãa.²¹ Geralmente, estas crianças e adolescentes demonstram resistência em aceitar a ajuda de outras pessoas. A auto estima é tão baixa que eles não acreditam poder melhorar de vida.

Portanto, sem qualquer perspectiva de um futuro em que todos possam cultivar sonhos, nutrir esperanças e imaginar uma vida diferente. Projetar o futuro parece ser um direito de qualquer pessoa, jamais possível para estes meninos e meninas.

" O futuro pra nós é a morte ou completar 18 anos e ser pego pelos PMs e ir pra cadeia." (Duda).

²⁰ Jornal Correio 30 de agosto 2001. " Outro aposentado é assassinado por ladrões."

2º CAPÍTULO

A MARGINALIZAÇÃO: UMA FORMA DE VIOLÊNCIA

A marginalização como forma de violência que não mostra a "cara", começa nos bairros periféricos, onde reside boa parte das crianças pobres da cidade. O preconceito sobre quem mora na periferia se revela através do descrédito e marginalização da sociedade e do poder público contra os moradores destes bairros.

Em uma de minhas visitas a um destes bairros (Bairro Esperança), conversando com alguns moradores, um desabafo de uma mãe, muito emocionada, chamou minha atenção.

Dona Luzia reside no local há cerca de dez anos. Seu marido foi morto em um tiroteio entre policiais e traficantes, vítima de uma bala perdida. Ninguém foi preso como responsável. Dona Luzia, com 54 anos, ficou sem nenhum apoio ou assistência para cuidar de 4 filhos. Segundo ela, o sustento vem da ajuda de alguns vizinhos, quando estes têm algo para lhe ajudar, o que, na maioria das vezes, não têm nada para dividir. Então, Dona Luzia se garante com algum dinheiro que consegue catando papel na rua com ajuda de seus três filhos, pois o mais velho de 13 anos vive pelas ruas e dificilmente vem para casa.

²¹ A Casa do Caminho atende cerca de 85 crianças de 50 famílias cadastradas, em atividades de reforço escolar e orientação voltada para tirá-las das ruas, do uso das drogas e da mendigância.

Dona Luzia diz angustiada que já procurou, por diversas vezes, emprego de doméstica, mas quando diz que mora em determinado bairro ninguém lhe dá emprego. Ela relata que já pediu até "pelo amor de Deus" para lhe darem emprego. Mas foi em vão. O preconceito é tamanho com os moradores dos lugares pobres, que um simples entregador se nega a ir à sua casa. Quando precisou de um remédio em uma noite que seu filho estava com febre alta, e a farmácia mais próxima ficava distante, e se ela fosse de ônibus o dinheiro não daria para pagar o remédio, Dona Luzia ligou para a farmácia e pediu que entregasse o remédio. Mas quando disse onde morava, a resposta foi não. A solução foi apelar para o remédio caseiro. Esta foi só uma das tantas histórias que pude acompanhar.

O fato de morar em um determinado lugar é motivo para que não seja oferecido nenhuma oportunidade, pois todos ali são considerados pessoas de "comportamento desviante"²³, rotuladas de "perigosas", "suspeitas" ou até "criminosas". São essas pessoas consideradas engajadas numa espécie de negação coletiva da ordem social, percebidas como incapazes de usar as oportunidades para o progresso nos vários caminhos apontados pela sociedade. Elas representam "defeitos" e tantos outros estigmas para serem excluídos da sociedade tida "normal".

*"O estigma é um efeito mecanismo de controle social,
que exclui o estigmatizado tanto social como*

²³ GOFFMAN, Erving, Estigma. Notas sobre a Manifestação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara S.A., 1988.

*psicologicamente, impedindo-o de ser aceito socialmente. A marca estigmatizante impõe-se de tal modo que destrói a possibilidade de atenção social para outros atributos seus. O estigma da marginalidade constitui-se num estereótipo em que se associam a pobreza e suas manifestações."*²⁴

Do mesmo modo, a idéia da rejeição é vivida pelos filhos dos pais já nesta condição.

As crianças que conseguem sobreviver às enfermidades têm, ainda, que enfrentar barreiras contra seu lugar de origem, em geral intransponíveis, que, aliadas a aspectos da marginalidade os excluem dos caminhos do desenvolvimento, como da escola, por exemplo.

Como a maioria destes bairros não tem escolas próximas para atender estas crianças, a presença em escolas centrais de crianças provenientes de bairros afastados incomoda professores e pais de alunos. Escolas estas, que nunca têm vagas para estes alunos e os próprios alunos se incubem da tarefa de causar constrangimento às crianças pobres.

" Se você é um favelado, o único da turma, todo mundo te olha de rabo de olho. Dá vontade de fugir, de estar em outro lugar, e nunca mais volta lá. As pessoas que não conhecem, que só aprenderam nas escolas, acham

²⁴ VIOLANTE, Maria Lúcia. O dilema do decente malandro: a questão, da identidade do menor - FEBEM. São Paulo: Cortez 1989. p.24.

que a favela é um monte de barraco de madeira onde só vivem marginais e mendigos." (T. A. 11 anos).

O universo da escola, nesse sentido, deixa de ser uma oportunidade para as crianças pobres. E quando se tem a possibilidade de freqüentar a escola há problemas de adaptação dessas crianças na escola, na medida que os próprios professores, às vezes, não recebem apoio e não estão preparados para lidar com esse tipo de população. Além do mais, esses meninos internalizam, muito precariamente, disposições de auto-disciplina que o tornam incapazes de freqüentar uma escola.

Estas crianças acostumadas a uma dada realidade cotidiana cheia de privações e dificuldades, em que não se sabe se haverá o que comer quando anoitecer, e o único ganho da família depende dos menores da casa vivendo pelas ruas perambulando ou vendendo algo. Sendo assim, estes meninos não têm mais disposição para quatro, três horas parados, ouvindo alguém em uma sala de aula.

Portanto, diante destas considerações, estes dados taxar uma criança de "preguiçosa", "vagabundo", quando ela não quer mais ir para escola e sim ficar por aí nas ruas, significa condenar uma criança sem conhecer a causa de ela ser como é.

E uma vez impelidos para as ruas, tendo que buscar o sustento de toda família, são denominados com termos pejorativos que acabam sendo interiorizados por eles. Como por exemplo, o termo "Menor" que, ao longo do

tempo, se fragmentou em diversas designações (mirim, pivete, trombadinha, menina prostituta, menino de rua, menina na rua, menina prostituída, drogados, etc...) que longe de ser sinônimo de uns dos problemas grave do Brasil é, sobretudo, o futuro do país nas ruas, o seu próprio nome sendo colocado no paredão.

Contudo, são crianças que constituem uma categoria essencialmente diferente de outras crianças, aquelas, por exemplo, que não estão na rua, que só vão as ruas com propósitos determinados e de acordo com os padrões estabelecidos em consonância o que a sociedade considera como "normal". Estas últimas são tidas como crianças boas, sadias, que contribuirão para um futuro melhor, que precisam ser protegidas das "maldades" do mundo povoado pela pobreza e pela marginalidade. No entanto, o " mal " precisa ser combatido principalmente nas crianças sem rumo pelas ruas.

... " o problema do "menor" é explicado como um aspecto e manifestação do processo de marginalização social, uma vez que grupos sociais marginalizados contaminam em massa a criança e o adolescente "bons", transferindo a eles as marcas de sua indigência, conduzindo invariavelmente à prática de atividades "anti-sociais" ²⁵

²⁵ FRONTANA, Isabel op. cit. p.190.

Os meninos que vivem nas ruas estão envolvidos em situações que decididamente não escolheram, vivem uma vida "desregrada" porque não tiveram nenhuma oportunidade de escolha, são discriminados e punidos por serem miseráveis.

" Difunde-se a crença de que a marginalidade é um meio de vida daqueles indivíduos que não conseguem, devido às suas próprias deficiências, acompanhar o ritmo do desenvolvimento nacional e, por isso, são excluídos de participar de seus benefícios, uma vez que não participam da produção da riqueza da Nação." ²⁶

O preço que estas crianças pagam por não terem nascido em condições sócio-econômicas melhores é alto. O fato de ser negro, sem profissão definida, desocupado, morador da periferia, filho de mãe solteira, filho de pais separados, filho de pais com condenação ou passagens pela polícia, concentra em suas figuras toda a desordem moral e discriminadora fechando as portas para que possam buscar um futuro melhor. Resta, apenas, sua atual condição de menino de rua, vítimas de um estereótipo que a pobreza é capaz de gerar.

"... uma explicação sociológica que define o indivíduo como produto do meio — faz da pobreza a figura moderna e secularizada do mal que polui a sociedade e põe em risco a vida civilizada. Efeito de verdade que se traduz na

²⁶ Violante op. Cit. pp. 63-64.

*construção de um sentido de ordem que define para os setores pauperizados identidades em negativo, por sua associação com a desordem que devem ser combatidos por retratar o avesso da sociedade."*²⁷

Todos os meninos que entrevistei, que vivem ou trabalham nas ruas, já sofreram preconceitos e marginalização. Ao abordarem as pessoas nos carros e as mesmas fecharem o vidro de seus carrões e nem ao menos olhar para quem está ali batendo com a mão, pedindo uma esmola, ou ao estar sentado em um determinado lugar e as pessoas desviarem o caminho com medo de crianças menores, talvez com idade dos seus próprios filhos, ou ainda lhe negarem um prato de comida e lhes expulsarem da porta de suas mansões, isto quando chega a atendê-los porque, na maioria das vezes, nem querem saber do que se trata.

Durante a pesquisa de campo, presenciei os olhares suspeitos das pessoas que passavam por onde eu estava juntamente com os meninos. O fato de estar na rua sem ocupação dita "normal" ou "rotineira" é capaz de causar má impressão naqueles que nos vê ali, pois como diz Da Matta:

*"... que é na rua que devem viver os malandros, os meliantes, os pilantras e os marginais em geral, e quem se associa a seus habitantes passa fazer parte deles ____ a rua é local de individualização, de luta de malandragem..."*²⁸

²⁷ TELLES, Vera da Silva. **A cidadania inexistente: incivilidade e pobreza. Um estudo sobre trabalho e família na grande São Paulo.** Tese de doutorado. Departamento de Sociologia da USP, 1992, p.p. 100-101.

²⁸ DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** São Paulo. Brasiliense, 1985. p.47

Segundo alguns meninos, determinadas pessoas deviam pensar que eu era uma garota de programa, mas não me intimidei. Ao contrário, tive ódio de todos que passavam por ali e simplesmente nos recriminavam ou ignoravam.

Nas ruas, estas crianças ficam expostas ao julgamento injusto de quem deveria fazer algo no sentido de poder ajudá-las pois, de certa forma, a sociedade tem uma grande parcela de culpa pela situação em que se encontra dezenas de crianças nas ruas de nossa cidade.

Durante minhas entrevistas, conheci W. de 16 anos. Ele esteve no CISAU²⁹ por um ano e três meses. Quando de lá saiu por bom comportamento a psicóloga Zaida Rodrigues conseguiu um emprego em uma empresa da cidade. Após um mês, alguém da empresa o reconheceu como um ex-interno do CISAU e seu patrão o despediu no mesmo dia. Desde então, não conseguiu outro emprego. Hoje entrega panfletos no semáforo para se manter nas drogas.

Talvez se a sociedade oferecesse novas oportunidades às crianças e adolescentes que vivem ou trabalham nas ruas, a realidade poderia ser diferente.

"A situação de nossas crianças e jovens expostos à violência pessoal e social, antes de ser um problema a requerer formas de atendimento, é algo que está a exigir opções políticas claras, capazes de presidir a processos de mudança da

²⁹ " Centro de Integração Social do Adolescente de Uberlândia - onde ficam menores de 18 anos que cometeu algum ato infracional com violência ou grave ameaça. Os menores vão encaminhados pela vara da infância e juventude através do atual promotor, Lúcio Flávio, podendo ficar no máximo até 3 anos dependendo de cada caso podendo ser reduzido conforme seu progresso. A capacidade é para 20 internos, mas segundo o atual diretor, Sr. Jairo, a "casa" comporta muito bem seus 23 internos."

população marginalizada e seus direitos humanos e cidadania."³⁰

O chamado "menino de rua" é uma ilha cercada de omissões por todos os lados.

*" Há um consenso em torno da idéia de que não concerne apenas do Poder Público a prevenção da delinquência juvenil, sendo indispensável a sensibilização e efetiva mobilização da comunidade, mesmo por que a sua parcela de culpa não pode responder com a indiferença e a omissão, cujo preço elevado ela mesma paga, com juro altíssimos."*³¹

A marginalização vivida constantemente por estas crianças nas ruas é mais latente ao se tratar de crianças negras. E a maioria das crianças que pude entrevistar era de origem negra, já acostumadas aos apelidos, que eu particularmente vejo como " chingamento", de "negrinho", "pretinho", "incardido", entre outros.

A criança negra é uma das vítimas, em maior escala, quando o assunto é preconceito e marginalização.

" A criança negra, quer nos parece, não foi incluída no projeto modernizador da família brasileira. Ao contrário, sequer como "anjo" foi representado, ou seja, não sendo-lhe atribuído o estatuto de "pureza" e pertencendo a uma raça

³⁰ GOMES, Antônio Carlos Costa. Brasil Criança urgente. São Paulo: Columbus Cultural, 1989. p. 49.

³¹ LEAL, César Barros. op. cit. p.39

*"naturalmente" lidedinosa, à criança negra restava pouco a seguir do curso traçado pela revolução dos costumes."*³²

O preconceito e a marginalização são formas de violência que, sem que se veja, é aplicada de forma indireta. No decorrer de cada dia, fazem de nossas crianças sujeitos e vítimas do seu próprio meio e são cada vez mais conformadas com sua situação sem perspectiva para um possível progresso.

*" No Brasil a história da infância e da juventude se confunde com a história do preconceito, da exploração e do abandono. Desde o início a divisão entre crianças de primeira, de Segunda, e de terceiras classe, com direitos e lugares diversos no tecido social. A eleição de algumas poucas das classes menos favorecidas, do vir-a-ser grandes homens, grandes damas é muito reduzida."...*³³

A vida de cada um dos menores nas ruas sendo de origem branca ou negra em busca de sua sobrevivência, passou a ser objeto de ameaça para a sociedade.

E vai aqui um alerta:

" Se você é uma pessoa que tem família, com pai empregado, com acesso aos bens de consumo variados, frequenta regularmente a escola, tem trabalho e aprontou, sua infração não é bem uma infração. Acorados em estudos de psicólogos, sociólogos, psiquiatras e assistentes sociais, o

³² NUCEPE - UFC. op cit. p. 39.

³³ NUCEPE - UFC. Op. cit. p. 39

*que você cometeu poderá ser considerado "um ato de rebeldia inerente ao jovem. Se você não está em nenhuma das situações anteriores, cuidado, porque você é menor, você é um marginal;"*³⁴

Ora, se o menino de rua é vítima de uma sociedade de consumo desumana e, muitas vezes, cruel, há que ser tratado e não punido, preparado profissionalmente, psicologicamente e pedagogicamente juntamente com sua família, e não marcado pelo rótulo fácil de marginal, pois foi a própria sociedade que infringiu as regras mínimas que deveriam ser oferecidas ao ser humano quando nasce, não podendo, depois, hipocritamente, agir com rigor contra o ser indefeso e subproduto de uma situação social irregular.

³⁴ PASSETE, Edson. **O que é menor**. São Paulo: Brasiliense, 1986

3º CAPÍTULO

A VIOLÊNCIA POLICIAL NO COTIDIANO DOS MENINOS.

Além da violência em casa, a sociedade os marginaliza atribuindo a estes pequenos habitantes das ruas rótulos pejorativos de "menor", "pivete", "trombadinha", "drogado", entre tantos outros relatados anteriormente.

A repressão policial que, na maioria das vezes, age de forma arbitrária, também será uma violência constante na luta pela sobrevivência de muitos meninos nas ruas da cidade.

Quando todas políticas sociais em relação a estas crianças falhar, a complementação do descaso social caberá à polícia, pois a sociedade cobra o tempo todo uma atitude frente ao problema dos menores que estão lhe causando problemas. Como também observou Aparecida Darc S.

*" A presença desses meninos traduz-se para a maioria das pessoas, como uma questão social... Eles são vistos como uma falha do sistema público, portanto é um problema de polícia."*³⁵

A relação problema social / caso de polícia fez com que o atendimento ao "menor" nascesse sob o signo da mentalidade correcional repressiva. A sua vida na rua é sinônimo de bagunça, desordem, criminalidade. E não havendo pessoas preparadas para lidar com essas crianças, cabe à polícia a tarefa de tirar os "maus elementos" de circulação, incluindo as crianças.

Durante meus encontros diários com estes meninos, pude acompanhar como é a atuação da polícia com estas crianças. Um fato curioso que eu gostaria de relatar ocorreu no começo de uma noite no semáforo do Shopping. Eu estava sentada no passeio com vários meninos que ficam ali mendigando, abordando as

³⁵ SOUSA, Aparecida Darc.op. cit., p. 117.

peessoas nos carros e, ninguém estava fazendo nada que justificasse a abordagem de policiais. Mas foi aí que eu me enganei! Como estavam vários meninos sujos, mal vestidos, pés descalços, aglomerados em um mesmo lugar, uma vizinha que mora nas proximidades acionou a polícia. Rapidamente, desceu uma dúzia de policiais de uma Blazer, todos com seus cacetetes na mão. Foi logo mandando ficar de pé encostados na parede. E, neste momento, um soldado veio até mim e questionou com muita brutalidade o que eu estava fazendo ali. Sem muita cerimônia disse que era uma pesquisa e mostrei a carteirinha da Universidade. Notei que o soldado foi rápido ao comunicar a outro policial, provavelmente o responsável pela operação. Logo em seguida, percebi a mudança no tom de voz e de suas palavras. Não xingaram nenhum dos meninos, nenhum deles molestou as crianças, apenas os advertiu para que não ficassem ali. Mas voltou atrás e afirmou que ficassem ali até eu terminar minha pesquisa, depois eles deveriam ir embora dali.

Quando os policiais saíram, os meninos vibraram de felicidade, dizendo que por minha causa eles se livraram de apanhar, pediram até que eu ficasse com eles durante o dia todo, que eu daria proteção à eles dos policiais. Pois caso eu não estivesse ali, naquele momento, eles formariam fila um a um, apanhariam, e eles não poderiam voltar mais ali naquela noite.

Este momento foi bom para mim, pois ganhei a amizade e a confiança de mais meninos. E, a partir deste episódio, sempre que eu estivesse em um determinado ponto os observando, eles vinham ao meu encontro.

Com isto, é possível perceber que a polícia com o título de autoridade, na maioria das vezes, não procede de forma legal, principalmente em relação a estes meninos, e quando eles percebem alguém com mais discernimento e que possam por em risco sua conduta, eles mudam o discurso.

Mas, não fique alegre leitor, pois este episódio foi o único que na trajetória de minhas entrevistas pude constatar a não violência física direta, e o uso das palavras que eles usam com adultos de alta periculosidade.

Em uma certa tarde em que eu estava conversando com Jack e T. aproximou-se de nós uma viatura da polícia militar. Dois policiais advertiram com palavras grosseiras (que eu não prefiro nem citar) os dois meninos. E não se inibiram comigo. Perguntaram a Jack onde ele morava e porque não ia pra casa, ao invés de ficar "vagabundando" pelas ruas. Ela responde que seu pai é um alcoólatra, usa drogas e bate nela e em seus irmãos. Os policiais disseram que é só chamar a polícia para ele. Jack afirma que isto já aconteceu várias vezes e não adiantou, e fica em prantos quando os policiais ameaçaram levá-la para casa. Só depois de ela muito implorar eles desistiram.

Quanto ao T., o menino que estava junto com Jack, os policiais quase quebraram seus dedos, pois queriam que ele promettesse que não ficaria mais ali. A cena era de cortar o coração, um policial "gigante" torcendo o pulso de uma criança porque ela estava em um lugar que eles não queriam. Tive que me conter, por diversas vezes, para não falar poucas e boas para muitos policiais.

As crianças ditas de rua só têm o direito de ser o errado, mesmo que em determinada situação elas sejam a vítima. Como, por exemplo, quando estava no sinal do Shopping, o Galego e um outro menino vendendo pão-de-queijo como Galego estava com fome, deu o dinheiro ao menino do pão de queijo e ficou esperando que ele lhe desse o saquinho de quitanda, o menino não deu e foi para outra direção. E nisso o pai do menino que vendia a quitanda apareceu e tirou uma arma da cintura e ameaçou Galego. O menino ficou assustado e saiu. Só que um moço que estava em um carro no sinal viu e acionou a polícia. Quando a polícia chegou e foi conversar com os meninos e percebendo que se tratava de um menino de rua, Galego, ao invés de vítima, quase que foi preso. E quanto ao pai do outro menino não encontramos nenhuma arma. Galego tomou uns tapas e saiu correndo. Os policiais só vieram averiguar a chamada porque não sabia do que se tratava e também porque foi uma outra pessoa que o chamou. Pois, em caso de violência e de maus tratos contra os meninos de rua, mesmo que se acione a polícia, ela nunca aparece.

Foram muitos os relatos de brigas com ferimentos graves, que a maioria destes meninos sofre e se cansou de relatar aos policiais e eles nunca deram atenção ou sequer apareceram para prestar socorro.

Para os meninos de rua, o início de um período de disciplina frente aos policiais, tem como objetivo "colocar ordem na casa ", só que o elemento central que os meninos tiram da introjecção da disciplina adestradora, e a readaptação de técnicas e mecanismo para se proteger, é buscar sua tranqüilidade. Eles aprendem a lidar com os policiais, sabem qual linguagem usar, que atitudes adotar (de arrependimento, humildade) que estratégias desenvolver para que não sejam presos.

A polícia sempre foi chamada a intervir na questão dos meninos de rua, mesmos que as medidas em forma de castigos com violência que eles adotam sejam sempre entendidos por eles como providências paliativas e que nada resolverão. Principalmente quando a medida seja levá-los até as suas casas e entregá-los aos seus pais, eles sabem melhor do que ninguém que os menores voltam sempre aos lugares onde foram apreendidos, às vezes com uma rapidez impressionante.

Foi comum, durante o tempo que mantive contato com esses meninos, relatos do tipo:

" Os caras já levaram nós em cana, nós não tinha feito nada."

Mesmo sendo ilegal, a maioria das vezes em que são levados, detidos, sem um mandado de busca ou causa da prisão, ou que sejam encaminhados ao juiz de menores imediatamente em caso de prisão. Mas isto não ocorre, como também pude constatar na análise de Antônio Carlos Costa Gomes:

" A primeira constatação é que, em grande parte, a apreensão de crianças e jovens contraria as formas e circunstâncias previstas na Lei 6.697/79 (Código de Menores). Com efeito, é alta a freqüência de detenções

*irregulares, por "atitude suspeita", "perambulância". "vadiagem", para averiguações, ou outros motivos carregados de subjetivismo e despidos de maior significado, como, para citar dois exemplos ocorridos: comportamento inconveniente em ônibus, perturbação no comércio, quase sempre a simples presença de meninos pobres e sujos nas dependência de centros comerciais e hipermercados, bem como pelas ruas... a legislação vigente só admite a apreensão de menores em duas circunstâncias flagrante de infração penal e por ordem expressa do Juiz, isto raramente ocorre de forma legal."*³⁶

O aparelho policial com a exacerbação da autoridade em muitas situações tende a pretender definir a sua própria lei em nome da segurança

*"... a "lei" da polícia realmente marca o ponto no qual o Estado, por impotência ou pela conexão imanente dentro do sistema legal, não tem mais condições de garantir por meio do sistema legal, os fins empíricos que ele propõe a qualquer preço atingir. Em consequência, a polícia intervém por razões de segurança em situações incontáveis em que não existe nenhuma situação legal, cercando o cidadão como um brutal estorvo mediante uma vida regulada por ordenamento, ou simplesmente vigiando-o."*³⁷

Os meninos são perseguidos até quando dormem. Quando o sono chega, os meninos procuram um lugar para dormir afastados das vias mais movimentadas. Geralmente eles têm seu "mocó"³⁸ pois, segundo eles, dormir em um lugar muito visível pode significar ter que acordar com os ponta-pés dos policiais da ronda da noite, que são temidos pela maioria dos meninos. Eles

³⁶ GOMES, Antônio Carlos Costa... **Brasil Criança Urgente**. São Paulo: Columbus Cultural, 1989. P. 115.

³⁷ PINHEIRO, Paulo Sérgio.. **"Polícia" e crise política: o caso das polícias militares**, in DA MATTA, Roberto et al.) **Violência brasileira**, São Paulo: Brasiliense, 1982 p. 60.

³⁸ Alguma casa abandonada, ou construção inacabada que serve como abrigo.

batem mais do que os que circulam durante o dia justamente pelo fato de ser noite e o movimento de pessoas ser menor nas ruas. Sendo assim, a violência se torna mais intensa pelo fato de não haver pessoas que possam inibir a ação ilegal. E, principalmente, a exposição da miséria, da carência social, do abandono dos governos, não fica bem em uma via que é o cartão postal da cidade. Então, se faz necessário que a anomalia se esconda para não denunciar a ineficácia do sistema vigente.

Quando são detidos, o transporte que é usado para adultos é o mesmo que levam os meninos para "averiguações". Um fator degradante, pois se usa em geral "camburões" para criminosos ou viaturas policiais, o que estigmatiza e deixa marcas perniciosas nos meninos e em seus familiares, pois acaba introjetando-lhes a passagem pela polícia, uma "aparência" de infrator e, na maioria das vezes, quando não são, acaba iniciando após sua primeira apreensão, uma vez que nesta apreensões por infrações leves são tratadas como se fossem fatos policiais graves.

Mesmo não tendo o intuito de analisar a violência dentro dos órgãos repressores, não posso deixar de mostrar como se dá, em caso de apreensão, o uso da violência nas delegacias através dos dramáticos relatos dos meninos.

" Os PMs espancam pra caramba. P... m... ! Naquela salinha lá ... na Delegacia, é o maior pau, até já quebrou o braço de um, as mãos ficou inchadas de tanta parada. A gente já chega levando porrada. Era pra sentir o esquema da casa falaram.... " (E. de 16 anos).

As práticas de torturas na polícia são antigas, mas são usadas contra os meninos na tentativa de lhe arrancar informações, ou de lhes incriminar obrigando eles a assinarem sua culpa.

" Uma noite bem tarde os PMs da ROTAM chegaram de surpresa. Nós éramos uns cinco sentados no passeio. Eles levaram tudo prá lá pra furtos, queria que nós confessasse

um roubo, dando choque e jogando sal na nossa boca. Porque quando nós grita, toma choque, com o choque ocê não chora, ocê só zoa e grita e obriga a nós a assinar um monte de papel acusando nós de coisa errada. Não adianta dizer que não foi ocê, nós acaba assinando o que nós não fez. Eles ficam batendo, batendo, aí nós assina sem ver."

(A. C. de 14 anos) .

É comum os policiais prenderem muitos dos meninos e deixarem eles mais de 24 horas sem comer e beber.

"Eu já fui preso junto com outros dois meninos e nós ficou quase um dia e uma noite sem come e sem beber água, nós saiu de lá morto de fome e sede." (C. de 12 anos).

Nos relatos dos meninos, é possível notar a ênfase em relação alguns policiais temidos por eles, devido ao abuso da autoridade e a extorsão de dinheiro e droga deles.

" Mas tem os maus, eles preferem, eles péga, fica brincando com a pessoa, é murro, faz o que quer, o que eles bem quiser. Apaga cigarro na boca da gente, apaga na bunda, pra não dizer em lugar pior! Morou? Agora é o seguinte: eles faz isso daí, mas de gozação, não é por causa de nada disso. Porque se a gente tiver dinheiro ou droga, e tem que ser dá boa, dá cara, pra dá prá eles, eles solta a gente na hora. Eles não tem nada disso de justiça não. Que justiça mesmo, quem faz mesmo é só Deus mesmo. Polícia não faz justiça nenhuma."

(Relato de " Cabelo" com idade aproximada aos 11 anos).

A total descrença na polícia, enquanto órgão que faz ou mantém a justiça em sociedade, é absorvida pelos meninos de forma inversa, como um dos órgão de maior repressão exercida sob pessoas inocentes, enquanto que os verdadeiros bandidos eles não punem, mesmo os conhecendo e sabendo onde estão.

*" A intervenção policial é sistematicamente percebida como abusiva. Seja porque com freqüência provoca uma violência cega, em que as mortes são constantes, seja porque ocorrem para fins de extorsão."*³⁸

E, a partir do momento que a polícia passa fazer parte do cotidiano dos meninos de rua, a violência torna-se uma rotina diária e concreta. E na medida que a polícia deixa de ser um elemento de proteção, ela se torna, ao contrário, causa de revolta. Principalmente pelo fato de alguns policiais estarem ligados à corrupção e à extorsão na venda da liberdade ou até mesmo da própria vida de meninos de rua. Como mostra nos relatos dos meninos.

" De tanto tomar pau da polícia nós já até acostumou Todo mundo aqui sabe que tem sujeira, mas ninguém pode falar. Porque se falá, a gente pode até sumir. " (Duda)

A revolta é a consequência da violência.

"Os caras acendiam cada "tora" (charuto de maconha) assim, na minha frente, assim. Falava é, você é fumeiro, né? Então fuma aqui ó, e jogava assim fumaça na minha cara. Tenho maior bronca de tira. Se eu ver tira, tá louco! Mas um dia eu junto um cara aí e a gente pega eles." (loirinho 13 anos).

Pude constatar, em alguns relatos dos meninos, a ação da polícia como motivadora de práticas infracionais.

" Se a polícia pega nós muitas vezes não leva ele em cana, pode ver que ele roubou, se viu a peça que ele roubou, se é uma peça de valor, um cordão de ouro, umas gramas legal, o que eles vão fazer? Segurar seu roubo e te bater e depois soltar nos lugares longe da cidade. Nós já tá revoltado, pô os homes me pegou, prendeu minha peça e me roubou.

³⁸ PERALVA, Angelina. Violência e Democracia: o Paradoxo brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000 p.

Fiquei de mão vazia, eu não vou, vou roubar, outro. A polícia mesmo é que dá força pro cara fazer isso." ("Mosquito de 12 anos").

"... a polícia, que às vezes é a primeira lição de corrupção e desrespeito às leis dada a um adolescente em plena formação de personalidade."³⁹

A partir do momento que a polícia deixa de seguir as leis ao "pé-da-letra", ela torna-se um exemplo e uma motivação para meninos que sofreram todo tipo de violência a não se assustarem com mais nada. Têm apenas dentro de si a revolta de tudo e todos que os vêm como objetos e instrumentos na prática da violência, corrupção, extorsão, marginalidade, entre outros.

Se a solução encontrada pelas autoridades frente ao problema dos meninos de ruas que praticam algum ato infracional são as instituições denominadas "recuperadoras", para os meninos que já passaram por alguma elas são "escolas do crime."

"Acho que depois que eu fui pro CISAU, eu conheci uns moleque lá no meio da hora. A gente passava o dia conversando., Aí eu saí primeiro e já foi com aquilo na cabeça. Acho que é isso aí que eu não vó fazê e fiz, um roubo dá hora." ("W. 16 anos.")

No entanto, o "menor" que ingressa em uma dessas prisões irá encontrar uma realidade que só complicará ao invés de recuperar: a superlotação, a precariedade dos funcionários mal preparados, as acomodações inadequadas, a falta de ocupação, falta de um atendimento integrado com a família e com a sociedade, acabam tornando o dia-a-dia uma rotina sem maiores progressos, e os inexperientes encontram um aprendizado no mundo da malandragem.

135.

³⁹ ALTOÉ, Sonia. De "Menor" a Presidiário: a trajetória inevitável ? Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula. 1993, p. 18.

Nos relatos dos meninos, as apreensões ocorrem em maior número por suspeitas nas batidas policiais, flagrante, delação, denúncia. Essas probabilidades aumentam às vésperas do carnaval, festas de fim de ano e outras datas em que são rentáveis para o comércio. Quando a polícia intensifica a vigilância, às vezes tiram de circulação todos quantos possam prejudicar a imagem da cidade e as pessoas ao fazerem suas compras. A sobrevivência nesse meio depende da capacidade de aprendizado da prática de driblar os policiais, da coragem e do respeito à ética da malandragem.

A marca da instituição e da polícia, entre outras do seu cotidiano, transforma-se em características da individualidade destes meninos, pois uma vez envolvidos, ou ter se deixado envolver, no mundo das ruas e do crime. O mal de certa forma já está feito. Isto significa que ele não acredita mais na justiça das leis, seu comportamento, de agora em diante, já foi marcado e o menino não vê outra saída outro futuro. E quanto maior tempo nessa vida onde a sobrevivência implica em levar à fazer práticas ilegais, maior será seu envolvimento com o aparelho repressor - a polícia.

A luta pela sobrevivência dos meninos de rua, que pude constatar aqui em Uberlândia, tem reflexo de grande centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro. Principalmente na questão que eu estou trabalhando (meninos de rua) bibliografia variada que pesquisei, constatei que o problema nestas cidades é de grau maior, mas o abuso das autoridades repressoras e o descaso dos órgãos públicos é o mesmo.

O Motim da FEBEM de Tatuapé em São Paulo, em 22 de setembro de 1992, em que 1250 internos maltratados e sem perspectivas fizeram uma rebelião que durou quase 26 horas terminou com o saldo de uma morte e dezenas de feridos e 14 unidade destruídas. E, no ano seguinte, 1993, a chacina da candelária chocou o país. Oito menores foram mortos enquanto dormiam em frente à igreja.⁴⁰

⁴⁰ Ver *Revista Visão* de 4 de novembro de 1992 nº 45 - ano XLI. *Revista Isto É* de 1993 nº 1244.

Aqui em Uberlândia ainda não aconteceu uma matança em massa, mas as mortes ocorrem uma a uma, e o que é pior sem proceder os esclarecimentos como no caso seguinte:

*"O adolescente Edirlei Ramiro Santos, 17 anos, foi assassinado em Uberlândia na Avenida Rondon Pacheco. Ele foi atingido com três facadas no abdômen... O autor do crime ainda não foi identificado... Edirlei vivia sozinho em Uberlândia e conforme foi apurado morava nas ruas."*⁴¹

As chacinas e os assassinatos tornaram-se corriqueiros e, desde alguns anos, tornou-se moeda corrente nos bairros pobres e contra os meninos fora de bares ou sem o mesmo. Sendo assim, a polícia é ineficaz necessariamente no plano da manutenção da ordem e na luta contra a criminalidade.

Uma das regras entre os meninos de rua impõe uma maior dificuldade para desvendar assassinatos: da lei do silêncio, na qual as testemunhas se calam diante do absurdo dos policiais e de assassinos, pois esta é a senha para continuarem vivendo. Isto está associado ao absoluto descaso por parte dos investigadores em esclarecer a morte de uma pessoa que não significa nada para eles e para a sociedade.

A morte dessas crianças não tem autoria. É como se de repente algo tivesse acontecido para interromper de forma brutal uma vida sem nome, sem identidade. Afinal, era apenas um "menor", um "pivete", um "animalzinho" que corria pelas ruas da cidade como uma ameaça desvairada. Matar, acabar com essas vidas perigosas, silenciar essas vozes sem sentido, imobilizar esses braços frágeis, essas perninhas sem rumo certo, essa infância sem ternura, essa miséria insuportável, esse abandono sem limites, é o que faz o extermínio, o assassinato premeditado, a execução sem dar a chance de defesa à vítima ou mesmo fazer justiça aos seus autores, é a forma mais bárbara e violenta contra meninos e meninas que carecem de atenção em todos os sentidos.

⁴¹ *Jornal Correio de Uberlândia*. 20/09/01.

Nas diversas oportunidades de entrevistas com esses meninos e meninas, foi comum o relato de amigos que eles viram morrer devido às drogas ou durante assaltos, acerto de contas entre meninos de outros grupos e traficantes, e também por parte de policiais que depois de cometerem a atrocidade põem a culpa nos próprios meninos.

Mas o fato é que esses meninos morrem todos os dias, sem que ninguém tome conhecimento. Alguns, às vezes, não acham sequer os corpos, e não existem dados ou estatísticas que informem sobre o paradeiro destes meninos.

Nos relatos dos meninos e meninas, a rua aparece como um lugar de fuga da violência em casa, mas sobre tudo essas violência para eles parecer não ter fim. Em suas narrativas, aparece o discurso do apanhar calado do sofrimento, da exploração sexual e do trabalho no sinal, faça sol ou chuva, do abuso da arbitrariedade da polícia, da revolta e da impotência em se defender. A violência que eles têm de conviver lhes tira a possibilidade de atingir a fase da adolescência, e a idade adulta se torna longe demais para eles alcançarem, pois tem suas vidas interrompidas quando está apenas despontando.

No que tange a questão do abuso da autoridade policial contra estes pequenos habitantes das ruas, estes em nada se diferenciam de ser ou não crianças, a polícia age sem qualquer aparato legal. Para a polícia, nem mesmo a lei fornece elementos diferenciadores plausíveis para que a prática a adotar seja outra. Para eles, não se está lidando com crianças ou menores de idade, mas com "trombadinhas", "pivetes", "meninos ladrões", indivíduos que se encontram nas ruas provocando "desordem" e intranquilidade. Sendo assim, meninos e meninas nas ruas representam mais uma questão de segurança pública a ser enfrentada dentro dos preceitos da doutrina de segurança nacional.

... segundo os policiais são velhos conhecidos da polícia. Esses adolescentes são marcados por um estigma social, como se fossem animais marcados a ferro em brasa. Como se não bastasse a violência dessa prática, muitos policiais,

levados por esse raciocínio, usam a força, a intimidação para comprovarem suas suspeitas e torná-los culpados... A ação policial não se ocupa apenas de investigar e reunir provas, mas também de julgar."⁴²

A polícia é, para os meninos, o malandro que pertence a outro mundo e com quem é preciso aprender a conviver, mas que em última instância, será sempre o vencedor.

E esse apreender a conviver implica em se acostumar com a dor e com o sofrimento em silêncio, porque não tem ninguém que os ampare nos momentos difíceis, ninguém se dá conta que é o futuro da sociedade ainda criança e já no lixo.

*" Os nossos "menores", por sua própria condição de fraqueza e desamparo estiolam-se e deperecem em silêncio. Não gritam, não clamam, não fraquejam, não protestam. Desgarram-se, curtem fome, mendigam, são postos de perversões inomináveis, adquirem vícios, corrompem-se, preparam-se para a delinquência, candidatam-se como futuros provedores de manicônios e cárceres, quando não perecem, prematuramente, minado pelas enfermidades. Entretanto, como tudo isso se processa pela calada, sem ruídos, essa tragédia que corrói os alicerces da nossa nacionalidade, que destrói grande parte da juventude, que atenta contra os nossos sentimentos de humanidade, passa quase sempre despercebida aos bens aguilhados da fortuna."*⁴³

Para tanto, o viver nas ruas implica ora a omissão, ora o consentimento velado ou explícito da sociedade, uma vez que é a conduta ilícita, mesmo que circunstancial, aquela que sobressai aos olhos de uma sociedade normatizada e segregadora, que enxerga na delinquência o traço marcante dos meninos e meninas que fazem da rua seu espaço de sociabilidade e sobrevivência.

⁴² SOUZA, Aparecida Darc. op. cit., pp. 75- 76.

⁴³ GOMES, Antônio C. Costa op. cit., p. 127.

CAETANO VELOSO**FORA DE ORDEM**

Vapor barato, um mero serviçal do narcotráfico;
Foi encontrado na ruína de uma escola em construção;
Aqui tudo parece que é ainda construção e já é ruína.
Tudo é menino, e minino no olho da rua;
O asfalto, a ponte, o viaduto ganindo pra lua.
Na continua.
E o cano da pistola que as crianças mordem;
Reflete todas as cores da paisagem da;
Cidade que é muito mais bonita e muito mais intensa
do que no cartão postal;
Alguma coisa está fora da ordem;
Fora da nova ordem mundial.

CONCLUSÃO

Realizar o conclusão desta pesquisa para mim não foi tarefa fácil, justamente por se tratar de um assunto da área social que nos leva a querer ir mais adiante. Ou seja, sempre a indagação de que algo ficou incompleto e que seria necessário continuar abordando o assunto.

No entanto, foi preciso que delimitasse as várias bifurcações que o assunto pode abranger, mesmo porque a questão que eu me propus-me a trabalhar demandava certos limites. Mas, o universo de meninos e meninas de rua está longe de ser delimitado e esgotado. E, além destas investigações que pude fazer, fica aí um convite para quem se interesse pelo tema, pois seria muita pretensão de minha parte dar o assunto como esgotado, mesmo porque se trata de um tema tão complexo e dinâmico.

É, portanto, minha pesquisa, uma tentativa de caracterizar, analisar e compreender a problemática dos meninos e meninas de rua, os motivos que levam para as ruas, e como é seu cotidiano nas ruas. Devo admitir, foi bastante árduo esse percurso e gostaria de registrar algumas restrições e dificuldades que eu gostaria de ressaltar não para desanimar, mas para motivar quem se interesse em trabalhar com a questão.

A busca nas ruas pelo meu objeto, "o menino de rua", foi um verdadeira maratona, mas eu não me deixei abater e desistir. De início, parece complicado aproximar e ganhar a amizade dos meninos, mas é necessária paciência e calma e, neste aspecto, gostaria de recomendar a leitura de Maria Avelina Carvalho em seu livro *Tô Vivo: Histórias dos meninos de rua*. A autora mostra passo a passo como se dá o primeiro contato e convivência com os meninos de rua, acaba fazendo uma espécie de diário com os seus meninos de rua, encontros diários com os meninos de rua na cidade de Goiânia, mas que se tornou uma obra valiosa sobre o tema em questão.

Primeiramente, procurei descobrir os pontos principais onde poderia encontrar em maior número "os meninos de rua " e elegi dois pontos: Praça Tubal Vilela, no centro da cidade, e Semáforo do Center Shopping, nas Avenidas João Naves de Ávila e Rondon Pacheco. Mas estes lugares não são os únicos lugares em que os meninos e meninas fazem do espaço urbano sua estadia e sobrevivência. Há muitos outros lugares onde podemos ver estes meninos e meninas buscando existir.

No entanto, foi preciso optar por alguns lugares de mais fácil acesso para mim, uma vez que a maioria das entrevistas fiz no decorrer da tarde e começo da noite. E também pelo fato da aproximação com os meninos demandar tempo, e neste momento, o tempo é um privilégio de que eu não dispunha, pois trabalho o dia todo.

Apesar dos imprevistos e dificuldades, a pesquisa foi muito prazerosa. Acredito que as dificuldades façam parte de qualquer tipo de pesquisa e contribuem para dar um certo clima de suspense e motivação para querer ir mais adiante e superar as barreiras.

A pesquisa de campo me revelou um universo das ruas mas que não é compreendido na sua verdadeira realidade. Sendo que a sociedade prefere discriminar e marginalizar meninos e meninas que buscam refúgio pelas principais avenidas e praças da cidade.

Os anos 90 foi um período em que a cidade teve um aumento significativo da população carente vivendo em bairros periféricos e consecutivamente de meninos e meninas fazendo das ruas seu meio de sobrevivência. Crianças carentes em todos os sentidos, desatendidos enquanto seres humanos. No entanto, estes meninos tornam-se indesejáveis para a sociedade e órgãos competentes, e a resposta que deram frente ao problema será a violência, a punição, a discriminação e, em último caso, o enjaulamento.

Esse drama social irá ocorrer em escala de crescimento em pleno cenário da implantação de uma das mais bonitas leis em benefício da criança e do adolescente, (pena que não saiu do papel, não houve investimentos que garantisse a sua aplicabilidade e seu cumprimento). Justamente em julho de 1990 foi sancionada a lei 8069/90 que revogou o antigo Código de Menores (1927/1979). Neste momento histórico, tem se a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente. A partir de então, tem se ao mesmo em forma de lei um novo olhar diante da criança e do adolescente.

"... sujeitos de direitos universalmente reconhecidos, não apenas de direitos comuns aos adultos, mas, além desses, de direitos especiais, provenientes de sua condição peculiar de pessoas em desenvolvimento, que devem ser assegurados pela família, pelo Estado e pela sociedade. Inclui-se nesse desenvolvimento a preocupação por todos os aspectos - sejam físicos, morais, espirituais. Sociais etc. - que possam convergir para o estabelecimento de condições de liberdade e dignidade, e que garantam a satisfação de todas as necessidades, vale dizer, que possam promover a proteção integral de crianças e adolescentes." ⁴⁴

Sob esse novo enfoque, o Estatuto da Criança e Adolescência passou a representar um instrumento de garantia da integridade física, psicológica e moral da criança e do adolescente, sem discriminar sua condição de grupo étnico ou classe social. Pela peculiar condição de pessoa em desenvolvimento, a infanto-adolescência passou a ser considerada prioridade imediata e absoluta, a merecer atenção especial.

Apesar de todo empenho em se estabelecer um novo paradigma teórico capaz de garantir os direitos da população infanto juvenil em sua plenitude, infelizmente a realidade que vemos é outra. Podemos comprovar uma nítida

⁴⁴ FRONTANA, Isabel, op. cit. p. 230

oposição entre o que a nova lei propôs e o que é vivido por meninos e meninas pelas ruas. As diversas formas de discriminação e violência praticadas diariamente contra crianças, sobretudo das camadas menos favorecidas, é a prova da omissão de todo tipo de direito que possa existir. Uma vez que meninos e meninas são todos dias, horas e minutos alvos de arbitrariedade e violência por parte da polícia e da sociedade como um todo. Passados mais de dez anos da implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente, a atual situação em que se encontram os meninos e meninas nas ruas vivendo em situações de miséria e sendo violentados em todos os sentidos, talvez seja necessário que o ECA passe por reformulações, pois seus princípios já estão ultrapassados para nossa realidade. Principalmente no aspecto das drogas, uma vez que este tipo de tóxico sofreu uma certa ascensão e tornou-se rotina na vida de muitos meninos e meninas de rua.

No entanto, a chave para elucidar o enigma dessa persistência da questão social de "meninos de rua", em particular, parece estar no fato de que estas nunca foram enfrentadas no horizonte da cidadania. De acordo com Vera Teles isso é próprio de uma sociedade em que vigoram as regras culturais de uma tradição hierárquica modelada em *"um padrão de sociabilidade que obsta a construção de um princípio de reciprocidade que confira ao outro estatuto de sujeito de interesses válidos e direito legítimos."*⁴⁵ Uma tradição hierárquica que não se reproduz somente no âmbito do Estado, em suas formas repressivas ou assistencialistas de atuação, mas, sobretudo, no interior da própria sociedade.

*"É na trama da sociedade que se (re)produz uma normatividade excluyente e autoritária justamente porque não tem, portanto, outra medida que não a vontade privada dos grupos e classes dominantes."*⁴⁶

⁴⁵ TELLES, Vera da Silva. **A cidadania inexistente: incivilidade e pobreza. Um estudo sobre trabalho e família nega grande São Paulo.** São Paulo, tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da FFLCH-USP, 1992, p.5.

⁴⁶ Id., *ibid.*, p. 28.

Desse modo, a persistência da questão de "meninos de rua" não decorre apenas da não observância da lei ou da ausência de políticas sociais capazes de neutralizar os efeitos perversos de uma economia de mercado neoliberal. Sendo assim, a questão está por inteiro implicada "no modo como os direitos são denegados na trama das relações sociais." ou no modo como "os efeitos igualitários da lei são desfeitos ou anulados pelo reiterado desreconhecimento do outro como sujeitos de direitos legítimos."⁴⁷ No entanto, se faz necessário analisar e avaliar os mecanismos pelos quais a sociedade brasileira sofre uma espécie de metamorfose permanente que faz ressurgir, sempre numa nova roupagem, as formas de dominação e de exclusão que sustentam as desigualdades sociais que geraram "meninos de rua".

Mas os órgãos competentes preferem achar a problemática mais simples, e não encaram com políticas sérias. Veja o que diz o atual secretário de desenvolvimento social João Eduardo Máscia.

*"Para enfrentar o problema de frente, duas iniciativas foram pensadas, ..., atrair esses meninos para o programa Casa Aberta, e iniciar uma campanha maciça contra esmolas e crianças, jovens e mendigos em geral. " Se eles perderem o atrativo das duas vai ficar mais fácil reintegrá-los à família."*⁴⁸

Este tipo de argumento nos mostra o total descrédito de uma secretaria unicamente para atuar na área social. E como pude mostrar ao longo das entrevistas, a problemática está muito além do argumento do secretário Sr. João Máscia em fazer campanhas contra esmolas.

E, neste aspecto, o que o futuro nos guarda não será algo de bom, mas sim será cada vez maior o número de meninos e meninas buscando na rua a fuga da miséria, da discriminação, da violência, da fome e de seus lares. Sem perceber que nas ruas estas questões são mais gritantes, onde até a morte é algo que estes

⁴⁷ Id., ibid., p. 6

⁴⁸ "Meninos de rua são prioridade para PMU." Jornal O Correio de Uberlândia, 16 de dezembro de 2001.

meninos aprendem a ver de perto e conviver com a idéia que a qualquer dia pode ser um deles a próxima vítima.

O problema dos meninos e meninas de rua em nosso país é, sobretudo, um problema marcadamente social, que nunca foi enfrentado com a devida seriedade, apesar da consciência que se tem a seu respeito. As próprias autoridades não desconhecem a sua gravidade tantas vezes salientada em várias oportunidades, como nos vários estudos e pesquisas já feitos. Mas, infelizmente, é de se admitir que não adianta conhecer profundamente a problemática e apresentar soluções, quando o indiferentismo dos responsáveis não os sensibiliza para que alguma coisa de positivo seja feito em benefício de nossas crianças carentes.

BIBLIOGRAFIA

ALTO É, Sonia. **De "Menor" a Presidiário: a trajetória inevitável?** Rio de Janeiro, Ed. Universitária Santa Úrsula: 1993.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Ed Vitória, 1958.

CALDAS, Gilberto. **Novo Código de Menores**. São Paulo: Leud, 1980.

CARVALHO, F. de Bulhões. **Programa da Cadeira do Direito do Menor**. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

CARVALHO, Maria Avelina. **Tô Vivo: História dos Meninos de Rua**. Goiânia: Gegraf UFG, 1989.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara / Koogan, 1991.

Exploração Sexual de Meninas e Adolescentes no Brasil. Brasília: Unesco Cecria, 1995.

FALEIROS, V. " A fabricação do Menor", Brasília, **Revista Humanidades**, V. 4. Nº 12, 1992.

FERREIRA, Rosa Maria Fischer. **Meninos da rua: expectativas e valores de menores marginalizados em São Paulo**. São Paulo: Cedec, 1979.

FONSECA, Cláudia. **Caminhos da Adoção**. São Paulo: Cortez, 1995.

FRONTANA, Isabel C. R. da Cunha. **Crianças e Adolescentes nas Ruas de São Paulo**. São Paulo: Loyola, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: ed. Guanabara S.A. , 1988.

GOMES, Antônio Carlos Costa. **Brasil criança urgente.** São Paulo: Columbus Cultural, 1989.

LEAL, César Barros. **A delinquência juvenil: seus fatores exogenos e prevenção.** Rio de Janeiro: ed. Aide 1983.

MACHADO, Antônio L. Ribeiro. **Código de Menores Comentado.** São Paulo: ed. Saraiva, 1987.

MARQUES, João Benedito de Azevedo. **Marginalização: Menor e criminalidade.** São Paulo: Mc Graw Hill do Brasil, 1972.

NOGUEIRA, Paulo Lúcio. **Comentários ao Código de Menores.** São Paulo: Ed. Saraiva 1985.

NUCEPEC-UFC (Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a criança). **Infância e Adolescência em discussão.** Fortaleza, 1994.

OLIVEIRA, Edmundo. **O delinquente por tendência.** Rio de Janeiro: Forense 1980.

PASSETTI, Edson. **O que é o menor.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

PERALVA, Angelina. **Violência e Democracia o Paradoxo Brasileiro.** Rio de Janeiro:.. Paz e Terra, 2000.

POPULAÇÃO DE RUA: **Quem é, como vive, como é vista.** São Paulo: Hucitec, 1994.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História PUC-SP. Cultura e Representação 1981.

QUEIROZ, José. J.(org). **O Mundo do Menor Infrator**. Rio de Janeiro: Cortez 1987.

GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada**. São Paulo: Cortez 1998.

RIZZINI, Irene (org). **A Criança no Brasil Hoje**. Rio de Janeiro. Ed. Universidade Santa Úrsula, 1993.

Seminário Sobre Meninos de Rua. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social; Associação dos Meninos de Curitiba, 1988.

SOUZA, Aparecida Darc. **Capitães do Asfalto: Infância e Adolescência Pobres na Cidade de Uberlândia 1985 - 1995**. Tese de Mestrado Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1998.

SPINDEL, Cleywa R. **Crianças e Adolescentes no mercado de trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TELLES, Vera da Silva. **A cidadania inexistente: incivilidade e pobreza. Um estudo sobre trabalho e família na grande São Paulo**. Tese de Doutorado Departamento de Sociologia da USP. 1992.

VELHO, Gilberto (org). **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ e FGV, 1992.

VIOLANTE, Maria Lúcia. **O dilema do decente malandro: a questão da identidade do menor - FEBEM** - São Paulo, Cortez 1989.

ZALUAR, Alba. **Da revolta do Crime S. A.** São Paulo, moderna, 1996.

_____ **A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza.** São Paulo brasiliense, 1985.

FONTES PERIÓDICAS:

Jornal Folha de São Paulo. 1990 - 2000

Jornal Correio de Uberlândia. 1990 - 2002

Revista Veja: V. 34; nº 6; 14 fevereiro de 2001.

_____ V. 32; nº 38; setembro de 1999.

_____ V. 27; nº 11; 16 de março de 1994.

_____ V. 27; nº 18; 04 de março de 1994.

_____ V. 35; nº 3; 23 de janeiro de 2002.

Revista Isto É. 28 de junho de 1992.

Revista Visão. 04 de novembro de 1992.

Filme:

Pixote. **"A lei do mais fraco."**

Diretor: Héctor Babenco e Jorge Duran

Diário de um Adolescente

Diretor: Scott Kabert - 1995.